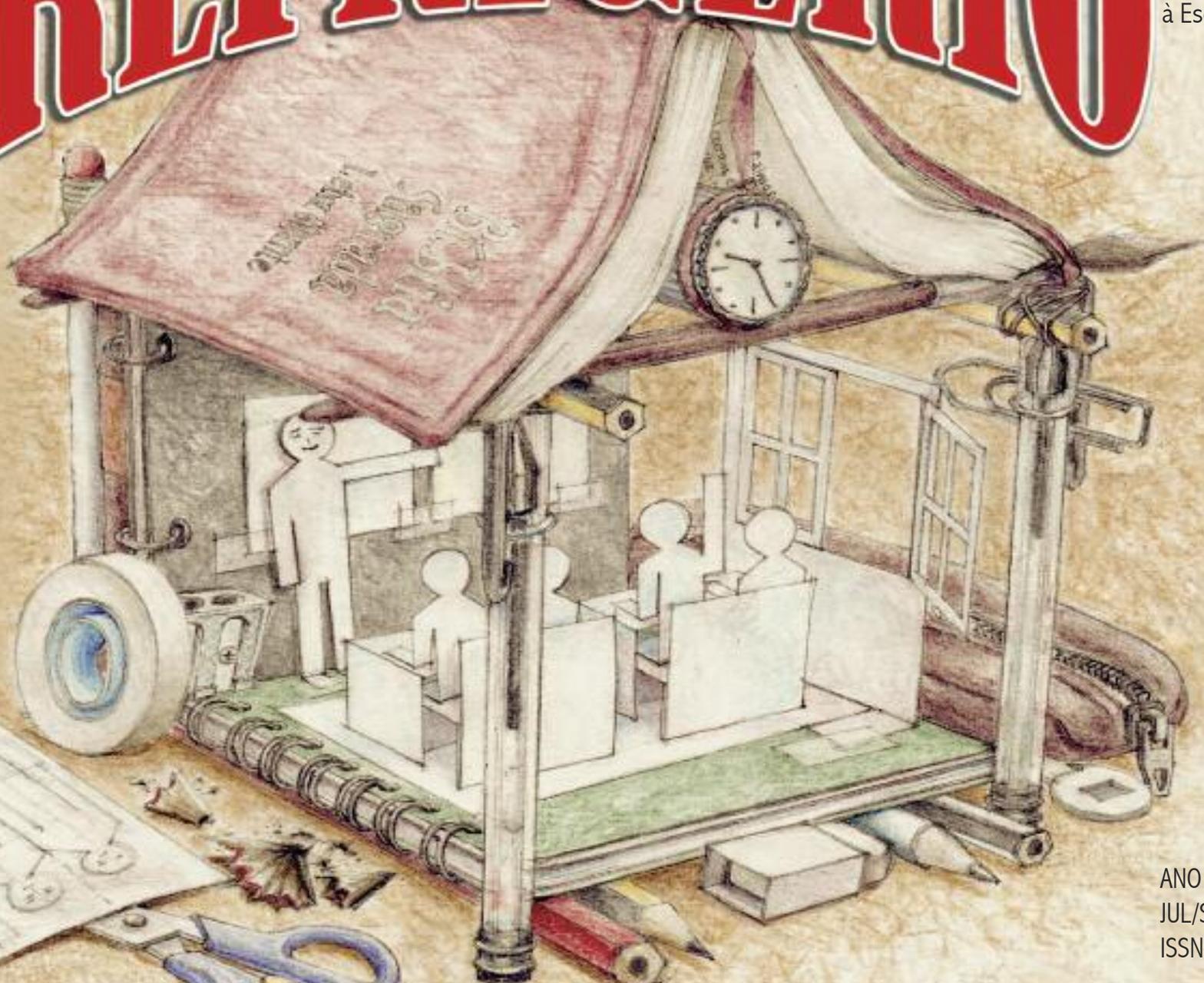


© ilustração: Pedro Lourenço

REFRIGÉRIO

Número Dedicado
à Escola Dominical



ANO 29 **NÚMERO 158**
JUL/SET 2015
ISSN 2182-6188

REFRIGÉRIO ONLINE

em <http://www.refrigerio.net/>



+ artigos, + fotos, + informação
uma paginação especial, com letra grande para + fácil leitura
no seu computador, tablet ou telemóvel

MISSÕES

REFRIGÉRIO

TEXTOS
PARA
FAZER
PENSAR

PARTICIPE NO **PRÓXIMO
NÚMERO**

MISSÕES é o tema que estamos a preparar para sair em dezembro. Envie as notícias da sua igreja.

© foto: Osvaldo Castanheira

PRÓXIMO NÚMERO

TEMA DO PRO

THE ACTION BIBLE

SOCDADIBIBLICA COMACTEP APECP UNIAO BIBLICA

A HISTÓRIA DE JESUS CRISTO

OBJETIVO:
Alcançar as crianças em Portugal

Distribuir 1.000.000 Bandas Desenhadas

Ajude-nos a alcançar o objetivo distribuindo nas escolas da sua região.

www.bibliaemacao.pt/igrejas

Vamos distribuir 1 milhão de folhetos às crianças em Portugal. Ore por este projeto.



NOTA DE ABERTURA por Helena Sequeira



Robert Raikes
(1735-1811)

COMO SURTIU A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL



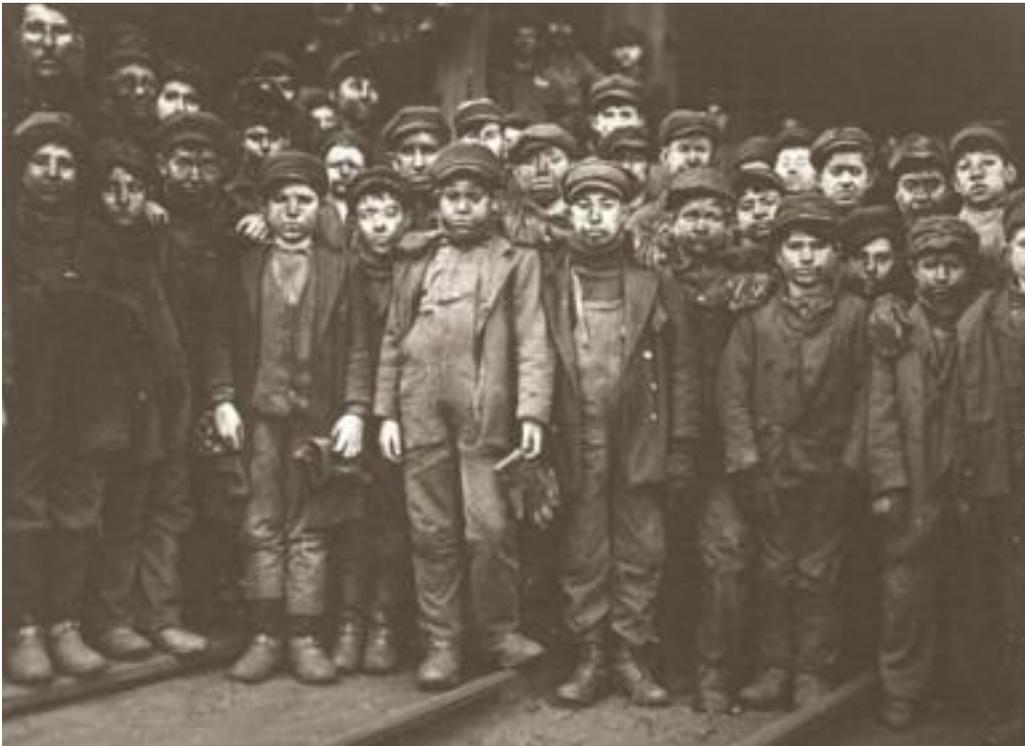


A ESCOLA DOMINICAL, como a conhecemos hoje, teve como fundador Robert Raikes (1735-1811), nascido em Gloucester, Inglaterra, e membro da igreja Anglicana. Ele trabalhava como jornalista e editor na Imprensa Raikes, propriedade da família, que passou a dirigir após a morte de seu pai.

A cidade de Gloucester era um polo industrial com grandes fábricas de têxteis. Raikes sabia que as crianças trabalhavam nas fábricas ao lado dos seus pais, de sol a sol, seis dias por semana. Enquanto os pais descansavam ao domingo, as crianças ficavam abandonadas nas ruas e praças, brincando, brigando, e aprendendo toda a espécie de vícios. Naquele tempo não havia escolas públicas em Inglaterra, apenas escolas particulares, privilégio das classes mais abastadas. As crianças pobres ficavam sem estudar, trabalhando todos os dias nas fábricas, exceto aos domingos.

APELO Raikes sentiu-se atribulado no seu espírito ao ver tantas crianças desafortunadas crescendo entregues a si próprias, e que muito provavelmente cairiam futuramente no mundo do crime. Assim, começou a escrever sobre estas crianças que não tinham oportunidade para estudar nem para preparar-se para uma vida melhor.





Cheio de amor, resolveu estabelecer uma escola gratuita para esses meninos de rua. Conseguiu que algumas senhoras crentes o ajudassem, fazendo visitas aos bairros pobres da cidade, a fim de convencerem os pais a enviarem seus filhos à escola. O seu objetivo principal era alfabetizar e ministrar aulas de religião, com o propósito de reformar a sociedade, modificando-lhes o caráter através dos ensinamentos bíblicos.

Depressa conseguiu reunir cem crianças, dos seis aos catorze anos, nestas escolas dominicais. Usava a Bíblia como livro de estudo, cantava com os alunos e ministrava-lhes, também, noções de boas maneiras, de moral e de civismo. Através de seu jornal, Raikes fazia campanhas para angariar doações de material escolar e providenciou tudo para que as crianças viessem às aulas, inclusive roupas, sapatos, banho, bem como mantimentos para lhes preparar uma boa refeição aos domingos. Estudavam matemática, história e inglês e eram levados, então, à igreja, para serem instruídos na área religiosa. No final, recebiam pequenos brindes pelo domínio da lição e bom comportamento.

Raikes divulgou a sua ideia e os resultados no seu jornal, no dia 3 de novembro de 1783, data em que se comemora, na Inglaterra, o dia da Fundação da Escola Dominical. Esta experiência também foi noticiada noutros jornais, pelo que os dirigentes religiosos tomaram conhecimento do movimento que se espalhava. Na sua gráfica, Raikes publicou o Sunday School Companion, livro com versículos bíblicos para leitura, que seria a primeira revista de EBD.

OPOSIÇÃO No início Raikes encontrou resistência ao seu trabalho, entre aqueles que menos esperava - os líderes das igrejas. Achavam que ele estava a profanar o domingo sagrado e as suas igrejas com as crianças pouco educadas. Mas muitas igrejas abriram as suas portas para classes bíblicas dominicais, vendo o efeito salutar que estas tinham sobre as crianças e jovens da cidade.

Quatro anos após a fundação, a Escola Dominical já tinha mais de 250 mil alunos matriculados. A taxa de criminalidade de Gloucester caiu, com o surgimento das escolas dominicais de Raikes, de forma que em 1792 não houve um só caso julgado pela comarca de Gloucester.

MOVIMENTO MUNDIAL O trabalho de Raikes foi saudado com entusiasmo e, em breve, escolas dominicais foram criadas em todo o Reino Unido e também nos Estados Unidos. Grandes homens da igreja, como J. Wesley fundador do metodismo, participaram ativamente na obra de Raikes, julgando-a como um dos trabalhos mais eficientes para o ensino da Bíblia.

Robert Kalley, fundou na ilha da Madeira de 1838 a 1846 escolas para crianças pobres e adultos iletrados e ignorantes onde ensinava através da Bíblia.

Também em Petrópolis no Brasil em 1855, o jovem casal de missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley, no ano em que chegaram ao Brasil aí instalaram uma escola para ensinar a Bíblia às crianças e jovens daquela região. Na primeira aula somente cinco participaram, mas Sarah, contente com “pequenos começos”, contou a história de Jonas, mais com gestos do que com palavras, porque ainda não dominava o português. Com o passar do tempo, aumentou tanto o número de pessoas a estudar a Bíblia, que o missionário Kalley iniciou aulas para jovens e adultos. Vendo o crescimento, o casal resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro, para aumentar o alcance do trabalho. Este humilde começo de aulas bíblicas dominicais deu início à Igreja Evangélica Congregacional no Brasil.

No mundo há muitas coisas que pessoas sinceras e humanitárias fazem sem pensar ou imaginar a extensão de influência que seus atos podem ter. Certamente, Robert Raikes nunca imaginou que as simples aulas que ele começou entre crianças pobres e analfabetas da sua cidade, no interior da Inglaterra, iriam crescer e tornar-se um grande movimento mundial. Hoje, a Escola Dominical conta com mais de 60 milhões de alunos matriculados, em mais de 500 mil igrejas protestantes no mundo. É a minúscula semente de mostarda plantada e regada, que cresceu para uma grande árvore cujos galhos se estendem ao redor do globo.



Boas Férias
e Boa
Escola Dominical
2015-2016



© foto: Osvaldo Castanheira



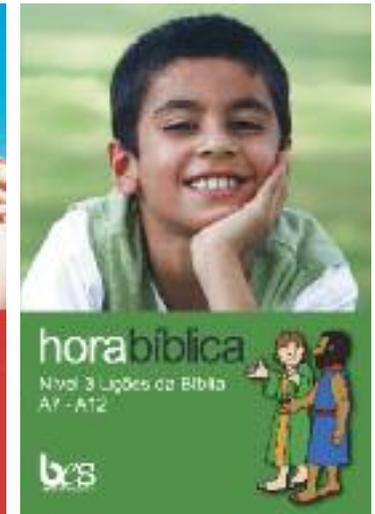
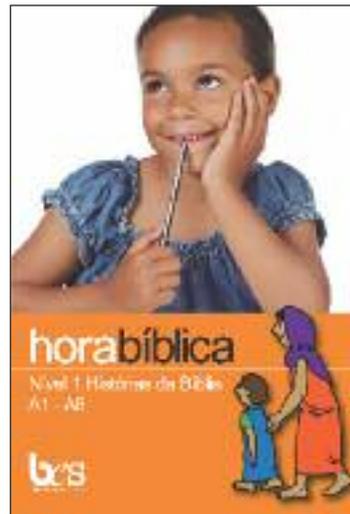
NOTÍCIAS

GRUPO DE TRABALHO DA ESCOLA DOMINICAL CIIP-SUL

O Grupo de trabalho da Escola Dominical da CIIP-Sul depois de tomar conhecimento que algumas igrejas têm dificuldade em ter/organizar um currículo para as suas ED, resolveu fazer uma pesquisa de vários currículos para que pudesse sugerir um, e decidiu-se por este, estando neste momento no processo de tradução para português de Portugal. O objetivo é ter estes materiais preparados já para o arranque do ano letivo 2015/2016.

Estes materiais estão à disposição da sua igreja. Para mais informações contacte Rute Manaia:

rute_manaia@hotmail.com



CIIP E APEC FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A CIIP-Sul em parceria com a APEC, realizou nos dias 16 e 17 de maio de 2015, uma formação para professores de Escola Dominical (ED), nas instalações das igrejas do Beato e Olarias, que contou com a participação de 28 formandos.

Foram observados vários aspetos do ensino da Bíblia, no contexto da sociedade e das Igrejas dos Irmãos da atualidade:

- Como levar uma criança/jovem a Cristo?
- A arte de contar uma história bíblica
- Como estruturar uma aula.

Foi também abordada a importância do papel do professor da ED, nas gerações atuais, e em como este se deve deixar orientar pelo Espírito Santo.

Globalmente, todos os formandos consideraram a formação muito útil e importante, encontrando-se o grupo de trabalho da ED da CIIP-Sul, a considerar a realização de nova formação.



A ESCOLA DOMINICAL NA COMUNIDADE CRISTÃ DO ALGUEIRÃO

A ED.CCA dispõe, em cada classe, de um professor e um auxiliar. Na classe dos adultos há normalmente 2 a 3 auxiliares, dado que o grupo subdivide-se. Temos concurso no último domingo do mês, em que são testados os conhecimentos adquiridos. Para esse efeito são definidas equipas com o mínimo de um aluno de cada classe e no final do ano é premiada a equipa vencedora. Todos os domingos em que não há concurso, temos destreza bíblica.

Divisão por Classes

1ª Classe: 0 - 4 anos (maternal)

2ª Classe: 5 - 7 anos (infantil-1)

3ª Classe: 8 - 10 anos (infantil-2)

4ª Classe: 11 - 14 anos (adolescentes)

5ª Classe: 15 - 18 anos (jovens)

6ª Classe: maiores de 18 anos (adultos)

Rute Manaia



REPORTAGEM



FINALMENTE CHEGA O DIA DA ESCOLA DOMINICAL

Finalmente chega o dia da Escola Dominical;
Este dia é para mim fundamental!
Vou rever os meus amigos, vou com eles partilhar
E aprender o que Jesus veio ensinar.

Lindos coros vou cantar,
Histórias novas vou ouvir,
Nos concursos vou também me divertir.
Estou contente porque sei que Jesus quer o meu bem;
Estou contente porque estás aqui também.



© ilustração de Nuno Lacerda

(Intro D C G)

Fi - nal - men - te che - ga 'o di - a da esco - la do - mi - ni - cal; Es - te
Lin - dos co - ros vou can - tar, his - tó - rias no - vas vou ou - vir, Nos con

di - a é pra mim fun - da - men - tal; Vou re - ver os meus a -
cur - sos tam - bém vou me di - ver - tir; Estou con - ten - te por - que

mi - gos, vou com e - les par - ti - lhar E 'a - pren - der o - que JE -
sei Que JE - SUS quer o meu bem Estou con - ten - te por - que

SUS veio en - si - nar.
estás a - qui tam - bém

Procure este coro
em MP4 e aiff
em conjunto com o
Refrigério online
ou no facebook da CIIP

Coro para a Escola Dominical
Letra e música original de José Lacerda
Edição Musical de Daniel Rebelo

A ARTE DO QUESTIONAMENTO

por Nuno Fonseca

A arte de interrogar é bem mais **a arte dos mestres**
do que a dos discípulos

Jean Jacques Rousseau



ÉSTE TERCEIRO ARTIGO, à luz das necessidades e dos desafios dos educadores, trazemos apenas algumas breves considerações baseadas no magistério de Jesus, no que diz respeito concretamente à **arte de realizar perguntas** - essas dimensões podem e devem ser ponderadas e incorporadas na prática pedagógica em diversos contextos (desde a Escola Dominical nas igrejas locais aos contextos informais no seio do lar).

O método não é devedor exclusivo ao método clássico estabelecido séculos antes de Cristo pelo filósofo Sócrates, mas entronca-se nos textos sagrados do Velho Testamento e na forma peculiar como o próprio Deus procede e interage em relação ao ser humano (ver Job 38) (Johnson, 95).

Todavia, o uso de questões comporta alguns riscos. O primeiro deles reside na avalanche de questionamentos feitos, podendo gerar nesse caso mais instabilidade do que propriamente benefício no processo de ensino-aprendizagem. O uso frequente de perguntas pode denotar uma persistência excessiva e fora de tempo, como se fossem feitas apenas para maçar o aluno. Em segundo lugar, assumindo uma tônica demasiado generalista, o valor associado à pergunta é inevitavelmente pequeno. Em terceiro lugar, se a questão é colocada apenas para demonstrar a ignorância do aluno ou a sapiência do professor, as consequências potenciais na forma como ele se relacionará com o docente poderá degenerar numa quebra de confiança e de um latente antagonismo. Em quarto lugar, as questões ritualísticas, por si só, também induzem pouco valor ao processo, sendo apenas estimulada a memória e a mecanização (Wilson, 117-120).

Contudo, Jesus utilizou de forma ímpar as questões como uma ajuda central no seu ensino, e



Já agora, qual foi a última pergunta que fez a alguém, que tenha contribuído para o seu desenvolvimento como pessoa?



é extraordinário apreciar a amplitude e sabedoria reveladas em múltiplas situações do seu ministério. Na verdade, ainda como criança, os pais de Jesus encontraram-no no templo, sentado no meio de doutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas - o único evento registado nos evangelhos relativo a esse período precoce de desenvolvimento de Jesus. Nesse contexto, encontramos interessantemente o primeiro pronunciamento registado por Jesus, o qual foi uma questão: Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai? (Lc 2:49) (Wilson, 120-121). Mais tarde, já adulto, as primeiras palavras registadas no ministério público de Jesus, logo após ter sido batizado, foram dirigidas a dois discípulos de João Batista na forma de uma questão: que procurais? (Jo 1:38). Assim, nessa linha, o uso das perguntas constituiu o cerne do seu método durante a sua vida - perfazendo mais do que cem perguntas diferentes registadas nos 4 Evangelhos (Hendricks, 25; Price, 87), sendo o evangelho de Marcos o mais prolixo nesse sentido, onde parece que Jesus está constantemente a interrogar pessoas (Johnson, 95). As perguntas foram utilizadas como pontos de contacto que visavam suplantar os constrangimentos que se colocam entre professores e alunos. Numa ocasião, quando uma mulher no meio da multidão o tocou, Jesus utiliza uma questão aparentemente estranha dada a quantidade de pessoas que o rodeavam de forma apertada no percurso. Mas ele perguntou, insistindo: quem me tocou? (Lc 8:43). Depois desse contacto ser primeiramente estabelecido, a fé dessa mulher foi enaltecida e foi despedida em paz. Jesus também iniciou uma determinada lição, como introdução, com uma pertinente questão. Aquando da controvérsia com os escribas e fariseus, dada a sua murmuração perante o facto de Jesus comer com pecadores, o Mes-



tre inicia a história da ovelha perdida. Nessa narrativa, Jesus começa por interrogá-los sobre o que fariam, tendo cem ovelhas e uma delas se tivesse perdido. Nesse caso, o ponto de contacto ajudou substancialmente a minimizar a animosidade dos seus oponentes (Wilson, 121-122). Depois de ter ensinado, culmina algumas vezes a lição com pertinentes questões. No âmbito da narrativa do bom samaritano, questionou: qual dos três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? (Lc 10:36). No contexto do debate polémico em torno do sábado, inquiriu: é lícito, no dia de sábado, fazer bem ou mal, salvar uma vida ou matar? (Mc 3:4);

Em algumas situações, a pergunta é feita como método de argumentação, geralmente frequente em ambientes permeados de atitudes ou perguntas hostis (e.g., Mc 3:1-4, 11:27-33). Assim, por vezes, as questões colocadas por Jesus derivam de perguntas colocadas pelos seus interlocutores (explícita ou implicitamente), ou em situações que é esperado ou sente-se condicionado a responder.

As perguntas usadas por Jesus esperavam da sua audiência uma resposta (verbal ou mental). Todavia, especificamente as indagações retóricas, que foram as mais comuns, não visavam necessariamente uma resposta propriamente dita, mas provocar de alguma forma um impacto nos seus interlocutores, isto é: sublinhar a singularidade da existência de uma única resposta (Mc 3:23; Mt 7:16; Lc 15:8), ou revestir de peso e solenidade o argumento apresentado (Mc 8:36-37; Mt 5:13), ou criar um momento de reflexão relacionado com aquilo que os seus interlocutores estavam a sustentar (Mc 3:33; 10:18; 12:35-37), ou ainda para expressar senti-

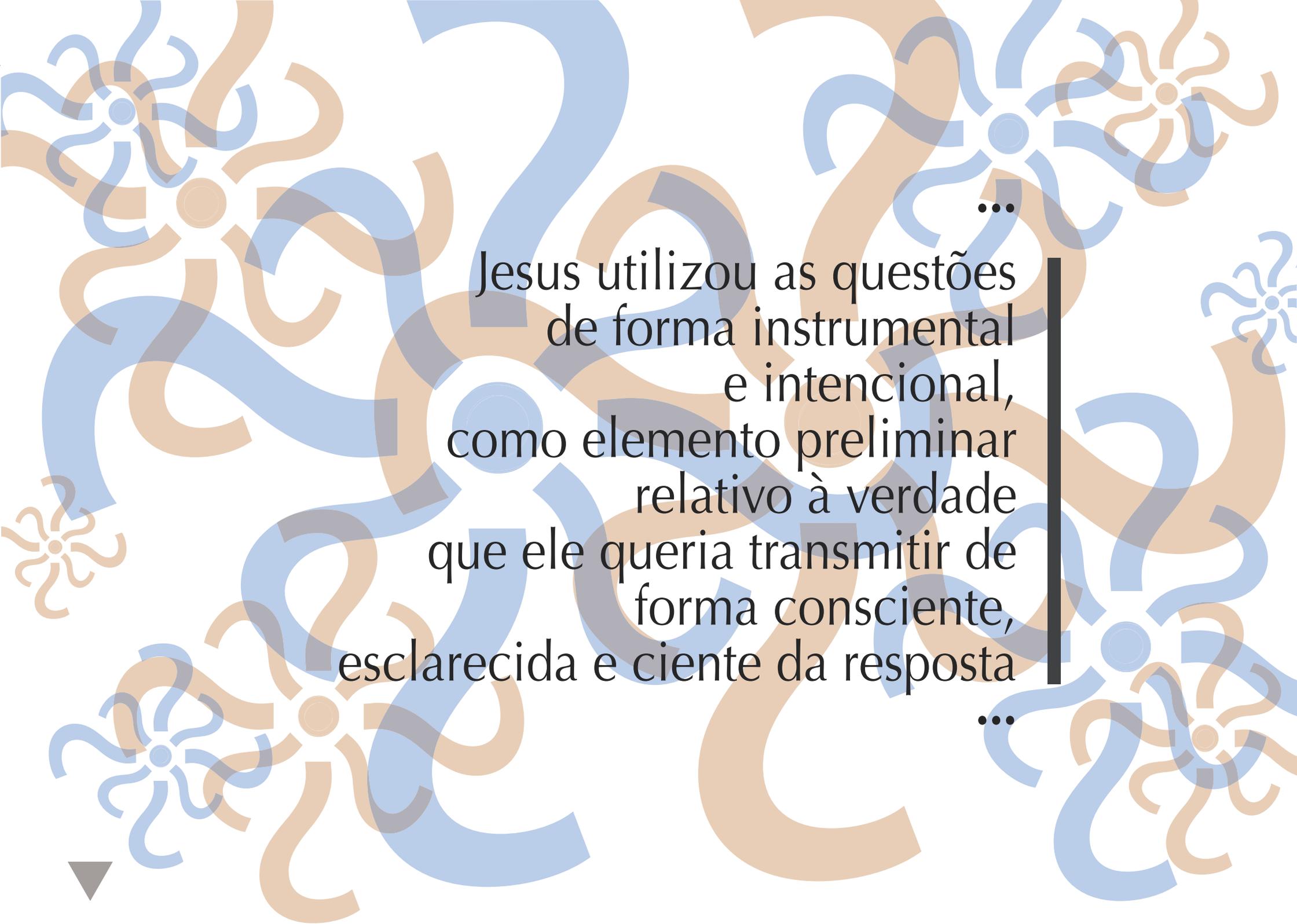


mentos pessoais de indignação (Mc 9:19; Lc 12:14) (Stein, 23-24).

Além da ênfase unicamente retórica no questionamento sábio do Mestre, a apresentação de situações dilemáticas através de interrogações, provocavam da parte dos seus interpelantes um silêncio forçado, pois incorriam em contradição qualquer que fosse a resposta concreta dada. Quando os principais dos sacerdotes e os anciãos do povo puseram em dúvida a sua autoridade de ensinar, o Mestre perguntou-lhes: Donde era o batismo de João? Do céu ou dos homens? (Mt 21:25) (Price, 89).

Jesus utilizou as questões de forma instrumental e intencional, como elemento preliminar relativo à verdade que ele queria transmitir de forma consciente, esclarecida e ciente da resposta (Wilson, 120). Em termos gerais, as perguntas fomentavam o envolvimento incontornável dos ouvintes no processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo pontos de contacto, apelando à comparação, ao exame crítico, à avaliação e também à memória. Através desse recurso, Jesus pretendia induzir na audiência a resposta certa, permitindo que a posteriori fosse mais assimilada no interior dos ouvintes (Stein, 23-24). De facto, na maioria das vezes, especialmente com as perguntas retóricas, era concedido um desafio implícito para o ouvinte aplicar a si próprio a lição transmitida (Wilson, 124). As perguntas eram profundas e demonstravam um interesse genuíno na pessoa humana. Eram “como uma forma de abraço”, mesmo quando existia alguma tónica de reprovação associada (Johnson, 97). E tudo isso com formulações claras, simples e curtas (Price, 87).





...

Jesus utilizou as questões
de forma instrumental
e intencional,
como elemento preliminar
relativo à verdade
que ele queria transmitir de
forma consciente,
esclarecida e ciente da resposta

...



Precisamos de nos apropriar com mais sabedoria do uso pedagógico das questões. Porém, temos vários desafios. Naturalmente, respondemos muito mais do que questionamos. E não raramente julgamo-nos detentores de todas as respostas plenas e completas sobre todos os assuntos relacionados com a fé cristã. Aprendamos com Jesus Cristo, mestre interpelador e inquiridor, o qual jamais incorreu também nos potenciais prejuízos do uso das perguntas referidos no início do texto. Ao utilizar esse recurso didático, conjugou de forma magistral clareza com profundidade, genuinidade com sensibilidade, ousadia com prudência, memória com reflexividade, contacto com densidade, doutrinação com apropriação pessoal de um padrão digno de ser vivido. Em suma, o Deus conosco, “veio não tanto para responder a perguntas, mas para fazê-las; não tanto para acomodar as almas dos homens, mas para provocá-las; não para tornar fácil a vida, mas para torná-la mais educativa” (W. Merrill, citado em Price, 87).

Já agora, qual foi a última Pergunta que fez a alguém, que tenha contribuído para o seu desenvolvimento como pessoa?

Referências Bibliográficas

- Hendricks, H. (1999). Seguindo o Mestre em Ensinar. Em K. Gangel & H. Hendricks. Manual de ensino para o educador cristão. Rio de Janeiro: CPAD, 11-32.
- Johnson, P. (2011). Jesus – uma biografia escrita por um crente. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Price, J. (1954). A Pedagogia de Jesus – o mestre por Excelência. Rio Janeiro: JERP.
- Stein, R. (1978). The Method and Message of Jesus Teachings. Philadelphia: Westminster Press.
- Wilson, C. (1974). Jesus the Teacher. Melbourne: Hill of Content Publishing.



A EDUCAÇÃO ESPIRITUAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

por Iolanda Melo

OSER HUMANO nasce inacabado e por isso é educável e adaptável ao ambiente e à cultura onde vai desenvolver-se como pessoa e adquirir uma maneira de pensar, sentir e agir que o torna diferente de todos os outros indivíduos - adquire aquilo que denominamos de Personalidade: “organização mais ou menos estável e duradoura do caráter, temperamento, intelecto e físico de uma pessoa, que determina a sua adaptação única ao ambiente” (Eysenck).

A

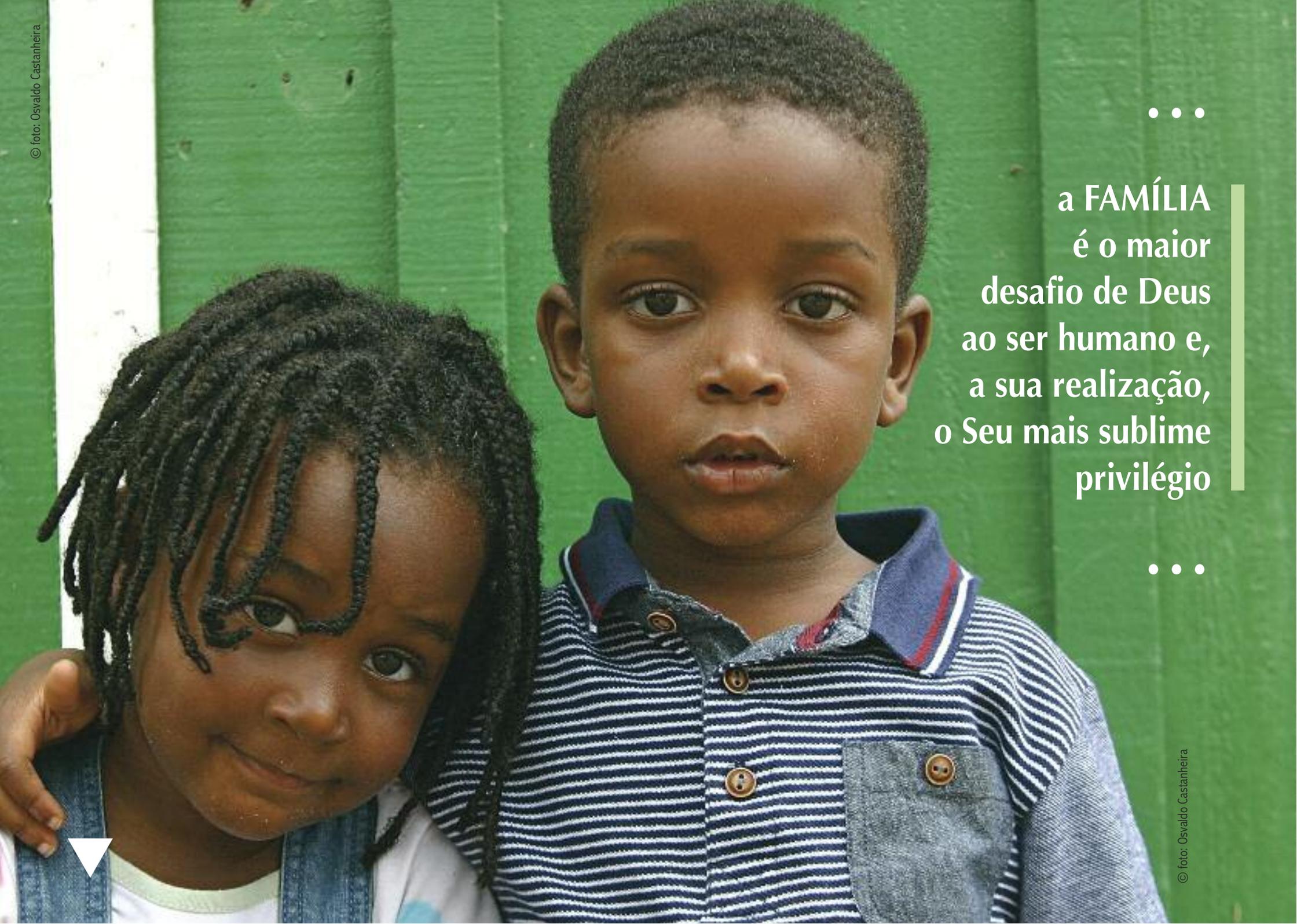
CAMINHADA PARA A MATURIDADE, a criança vai deparar-se com complexas mudanças e adquirir todos os conhecimentos que necessita para enfrentar o mundo. Nesse processo, vai ser influenciada por diversos fatores, todos igualmente importantes, que atuam em simultâneo no desenvolvimento da sua Personalidade. A família e a igreja são as duas principais instituições que influenciam diretamente o desenvolvimento integral de uma criança e constituem as principais fontes de modelos de vida cristã.

As crianças aprendem imitando, e os seus modelos são os adultos significativos: os pais e os professores. O papel dos pais é o de serem as principais figuras de autoridade e de cuidados e o papel dos professores é essencialmente pedagógico, sem perder o seu carácter de autoridade. No entanto, ambos têm o mesmo objetivo: educar!

Educar é formar a pessoa como um todo - formar os sentimentos, construir o carácter, desenvolver a identidade, a autonomia, treinar as competências relacionais, transmitir conhecimentos, orientar e apontar caminhos. Neste sentido, a educação espiritual da criança ganha um sentido de urgência e necessidade e exige dos educadores maturidade e esforço para serem um modelo positivo de ajustamento emocional, social e espiritual, e para trabalhar em equipa, formando parcerias entre pais e professores, entre igreja e famílias.

Podemos caracterizar hoje em dia as nossas crianças como mais instruídas, mais informadas, mas menos formadas no seu todo. Sabem resolver problemas matemáticos, mas não sabem resolver conflitos, sabem procurar as soluções mais rápida e facilmente, mas não sabem lidar com as suas emoções, frustrações e desafios da vida. Desejam o sucesso, mas não sabem lidar





...

a FAMÍLIA
é o maior
desafio de Deus
ao ser humano e,
a sua realização,
o Seu mais sublime
privilégio

...



com o fracasso... Desejam alcançar tudo, mas não sabem desfrutar dos prazeres mais básicos da vida... Onde temos falhado? Na essência da nossa existência enquanto seres humanos criados por Deus... Para percebermos melhor, permitam-me que vos conte uma história: Numa certa aldeia africana, construída na sombra de uma montanha, a população reuniu-se para encontrar uma solução para o problema que os preocupava: os inúmeros acidentes que aconteciam com as suas crianças. Estas sentiam-se atraídas pela montanha, lugar onde gostavam de brincar, mesmo junto à ponta do elevado penhasco. Como resultado, o número de acidentes era assustador. Já haviam perdido muitas crianças. Era preciso fazer alguma coisa... Alguém sugeriu que fosse construído um hospital, junto ao local das quedas, de forma a poderem socorrer prontamente as crianças que caíam do alto. A população uniu-se nesse propósito e um hospital foi construído no local onde os corpos das crianças jaziam após a queda. De facto, o tempo que se levava a socorrer os acidentados diminuiu e muitas crianças estavam a ser salvas da morte certa.

Algum tempo depois, a população voltou a reunir-se: as crianças continuavam a cair para o abismo e as que sobreviviam ficavam com muitas sequelas, algumas delas irreparáveis. Uma nova sugestão foi dada: oferecer mais atividades para ocupar as crianças para que resistissem às brincadeiras na montanha. O esforço coletivo da aldeia resultou num maior investimento na escola, que agora oferecia atividades para os tempos livres. O número de crianças acidentadas diminuiu, mas o problema continuava: elas continuavam a ir brincar no alto monte e muitas caíam do penhasco. As ideias estavam a esgotar-se: mesmo proibindo, as crianças iam



brincar no penhasco; o hospital não conseguia impedir os acidentes e muito menos a escola. O que poderiam fazer mais? Alguém sugeriu então: “porque não construímos muros à volta do penhasco de forma impedir a queda das crianças no abismo?” Era isso! Como é que não se tinham lembrado disso antes? Toda a população se juntou e, unidos, colocaram muros à volta de todo o penhasco onde as crianças brincavam. Resultado: mais nenhuma criança teve um acidente! Os muros construídos protegiam-nas de caírem do alto da montanha.

Apesar desta história ter mesmo acontecido, não deixo de pensar que ela bem pode ser uma parábola para a situação das nossas crianças. Muitas “brincam” à beira do abismo que pode existir na nossa sociedade: a violência, a disfuncionalidade na família, as drogas e o álcool, a pedofilia, as perturbações emocionais e psíquicas, as doenças infetocontagiosas... Para a grande maioria das crianças em Portugal, o abismo é também de ordem espiritual: o inferno, abismo destinado àqueles que não têm uma relação pessoal com Deus e morrem nos seus pecados sem conhecerem a maravilhosa salvação de Deus, em Cristo Jesus.

O

S MAIS NOVOS podem passar o dia todo na escola, podemos ter associações infantis e juvenis que desenvolvam programas de prevenção, centros de reeducação e de tratamento para os problemas da atualidade, mas não deixaremos de ter as sequelas, a falta de acesso a tratamentos eficazes e crianças que não serão alcançadas com o Evangelho de Cristo pelos cristãos do seu prédio ou igrejas evangélicas do seu bairro ou cidade. Como pais, professores, família, Igreja, organizações sociais e para-eclésiásticas, estaremos nós a trabalhar juntos na construção de muros que protejam as crianças da nossa família, do nosso prédio, do nosso bairro, da



nossa cidade, do nosso país?

Sabemos que a Palavra de Deus é o manual de princípios e valores que podem mudar a história das famílias e do nosso país, que se desenvolve cada vez mais à margem dos padrões bíblicos. No Salmo 78, versículos 1 a 8, encontramos o primeiro muro a ser construído e a base da nossa existência enquanto criação de Deus: A educação Espiritual.

O plano de Deus para a formação espiritual das nossas crianças consiste em partilhar com elas quem Ele é, o Seu poder e o que tem feito por nós. O benefício desta transmissão dos preceitos do Senhor será uma geração que confia em Deus e lhe é obediente. Confiar no Deus Salvador e Obedecer aos Seus mandamentos impede a queda no abismo eterno e muitos outros abismos de ordem psicossocial. O resultado da ausência da partilha das instruções de Deus está descrito no versículo 8: uma geração rebelde, insensata, inconstante e infiel. Onde é que nós já vimos isto?

Até que ponto a educação espiritual das nossas crianças é prioridade nos nossos lares e igrejas locais? Jogos, brincadeiras, entretenimento fazem parte da vida social e têm o seu papel, mas somente a Palavra de Deus pode transformar vidas. Como igreja, o Departamento infantil é alvo de forte investimento? Temos professores capacitados e treinados, material e espaço físico adequados, uma boa equipa que se envolva na vida das nossas crianças e adolescentes? Mais do que transmissores de saberes e informação, os professores são modelos de referência para comportamentos, atitudes, valores, princípios. Quanto mais novas as crianças, melhor treinados deverão ser os professores e seus auxiliares. Para as crianças mais novas, o professor é o





•••

As maiores necessidades espirituais na adolescência são a conversão (se ela ainda não ocorreu); uma fé comprometida, experiencial e que satisfaça as suas questões, dúvidas e angústias

•••



representante de Deus aqui na terra, pois na sua incapacidade de compreenderem algo que não pode ser visto, tocado e objetivamente experimentado, os professores “encarnam” a pessoa de Deus. Se os alunos amarem os seus professores e a sua classe, amarão o seu Deus.

E **DUCAR, ESSA TAREFA PRIMORDIAL** dos pais e secundada pelos professores e outros agentes educativos na vida da criança, deve começar desde muito cedo, e, atrevo-me a dizer, deve começar desde o ventre. No período fetal, onde principalmente o estado emocional da mãe tem influência direta no desenvolvimento do bebé, uma mãe e um pai que oram pelo seu bebé, que cantam para o seu bebé, que lhe contam histórias da Bíblia, estarão a contribuir para criar memórias positivas no bebé e uma sensação de bem-estar que facilitará o desenvolvimento saudável do feto.

Nos primeiros 2 anos de vida, quando a criança descobre o outro e o mundo à sua volta, a criança pode descobrir a existência de Deus como aquele Pai que cuida, que ama e quem devemos obedecer. Entre os 2 e 3 anos, a criança atinge o pico máximo de aprendizagem: aprende muito e muito rápido. Espiritualmente, imita as atitudes e ações das pessoas à sua volta (como orar, louvar a Deus e ler a Bíblia), está interessada em aprender sobre Deus, reage positivamente à oração – orações curtas e simples, é sincera e acredita em tudo o que falamos. A idade Pré-escolar, 4 a 6 anos, é a fase das perguntas, dos papéis sociais, da noção rudimentar entre o bom e o mau e o certo e o errado. Já são capazes de compreender o plano de salvação e as verdades bíblicas, desejando agradar e seguir as regras. É a idade de ouro para conhecer Jesus como o seu melhor amigo!

Entre os 6 e os 9 anos, a escola assume um papel fundamental e centra-se nas aprendizagens



que a criança irá realizar. Surge também a participação decidida no processo de socialização e a autonomia. É o período áureo para desenvolver o altruísmo, da responsabilização pelos seus comportamentos e atitudes e da necessidade de pedir perdão e ser perdoada. Necessita de ser lembrada constantemente das coisas importantes e começa a entender conceitos abstratos, quer saber o porquê das coisas, sentindo curiosidade face a questões existenciais e religiosas. É também a fase dos heróis, necessitando por isso de heróis bíblicos que lhe sirvam de modelo.

Aos 9/10 anos, inicia-se o período de transição entre a infância e adolescência. Começam a despontar as primeiras mudanças hormonais que irão preparar todas as mudanças na Puberdade. Nesta etapa, os professores são importantes figuras no processo do desenvolvimento da identidade social. É a Idade de ouro para o Serviço Cristão (distribuição de folhetos, evangelismo pessoal, oração pelos outros, envolvimento em projetos missionários).

Na adolescência, ocorrem as mais diversas transformações a nível físico, intelectual, emocional, social e espiritual onde serão consolidados os diferentes aspetos da sua Personalidade. As maiores necessidades espirituais nesta fase são a conversão (se ela ainda não ocorreu); uma fé comprometida, experiencial e que satisfaça as suas questões, dúvidas e angústias; e oportunidades de servir a Deus e aos outros.

A história da igreja e da humanidade tem-nos mostrado que uma vida ganha para Cristo na sua tenra idade tem maior probabilidade de ser vivida para Cristo e dentro dos valores bíblicos. Este mesmo princípio está em Provérbios 22:6 - "Ensina a criança o caminho que deve andar e ainda quando for velho, não se desviará dele." 



TRABALHANDO COMPETÊNCIAS NA EBD

por Eliseu Alves (eliseualves1@gmail.com)

T TRABALHAR **COMPETÊNCIAS** através dos sistemas de ensino-aprendizagem, tem vindo a ocupar um papel central ao longo da última década. Cientistas da educação e pedagogos têm vindo gradualmente a alterar o paradigma de ensino clássico onde a tónica que era colocada no conhecimento passa a estar centrada no indivíduo. O conhecimento deixa de ser um fim em si mesmo e, passa a ser um meio. Um meio para a aquisição de competências.



A **FORMAÇÃO INTEGRAL** do indivíduo e a sua conseqüente autonomização, o desenvolvimento de uma atitude crítica e responsável fundamental à tomada de decisões, exige a construção de um edifício educativo que, mais do que trabalhar **o saber**, possa trabalhar **o saber fazer** e em última instância, **o saber ser**. Esta mesma pedagogia educacional pode e deverá (no meu entender) aplicar-se à mais importante de todas as escolas – a EBD. A construção do homem novo não se compadece com um conhecimento meramente formal e teórico da palavra. Numa perspectiva ontológica, o conhecimento da Palavra deverá transformar tendo como meta a imagem e semelhança do Nosso Senhor.

Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas acções. Jeremias 17:10.

Tão ou mais importante do que conhecer as histórias da Bíblia é trabalharmos, através delas, competências estruturantes na formação holística dos nossos alunos, de valores como a verdade, a justiça, o amor ou a integridade.

Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra. II Timóteo 3: 16 e 17.

Para trabalharmos competências em contexto de EBD é fundamental a planificação de um conjunto de instrumentos e ferramentas de trabalho que possam ser trabalhados pelos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem.





• • •

Tão ou mais importante do que conhecer as histórias da Bíblia é trabalharmos ... valores como a verdade, a justiça, o amor ou a integridade.

• • •



1. Projeto Curricular de EBD

Por currículo ou projeto curricular entendemos o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver por um conjunto de alunos ao longo de um determinado período de tempo.

Muitas comunidades nas suas EBD, por laxismo, falta de meios ou outro, privilegia recursos já existentes, alguns dos quais completamente descontextualizados, elaborados para outras realidades que pouco ou nada nos dizem.

A construção de um projeto curricular que se pretenda exequível e eficaz, deverá ser trabalhado em equipa, construído com base num conjunto de dados que deverão ser previamente aferidos através de uma **avaliação diagnóstica** que levante as principais dificuldades e possa, de uma forma contextualizada, orientar na planificação do currículo.

O currículo é feito para as pessoas e não as pessoas para o currículo.

2. Planificação

A planificação do nosso projeto curricular deverá ser trabalhada a curto, médio e longo prazo tendo em conta os seguintes pressupostos:

- Que necessidades foram levantadas pela avaliação diagnóstica?
- Que competências pretendemos trabalhar a curto, médio e longo prazo?
- Que metas pretendemos alcançar?
- Que conteúdos programáticos e que recursos poderemos disponibilizar para atingir essas metas e trabalharmos essas competências?



É fundamental que a planificação possa ser periodicamente monitorizada por toda a equipa de professores da EBD.

3. Competências: o conceito

Competências são capacidades de agir eficazmente num determinado tipo de situação nova, apoiadas em conhecimentos mas sem se limitar a eles. Elas não são necessariamente os conhecimentos mas integram, utilizam e mobilizam tais conhecimentos.

A abordagem de um ensino por competências na EBD, exige uma considerável transformação da relação do professor com o saber, e mesmo a sua maneira de dar aulas:

- Deverá considerar os conhecimentos como recursos a serem mobilizados;
- Trabalhar a partir de problemas e questões;
- Abandonar um modelo expositivo de lecionação e adoptar um modelo mais participativo e colaborativo;
- Promover o auto-conhecimento trabalhando a autonomização;
- Trabalhar um conjunto de estratégias de aprender a aprender.

Antes cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. II Pedro 3:18.



ESCOLA DOMINICAL, uma fábrica de pensamento

Parte I Por *Oswaldo Castanheira*

INTRODUÇÃO

Falar de Escola Dominical é um dos assuntos mais complexos que poderemos considerar. Ensinar crianças, adolescentes, jovens e adultos requer, em cada caso, quase que uma especialização, um dom especial, um ato de amor e um conhecimento e aperfeiçoamento constante,

1 - das metodologias próprias para cada idade, (neste número)

2 - dos materiais didáticos a utilizar, (em parte neste número)

3 - das questões pedagógicas, (no próximo número)

e se bem que muito dificilmente poderemos ser bons em todos os casos, convem ter em atenção algumas situações, se queremos melhorar as nossas Escolas Dominicais e dar futuro à nossa igreja.

4 - Conclusões e perguntas para reflexão (no próximo número).

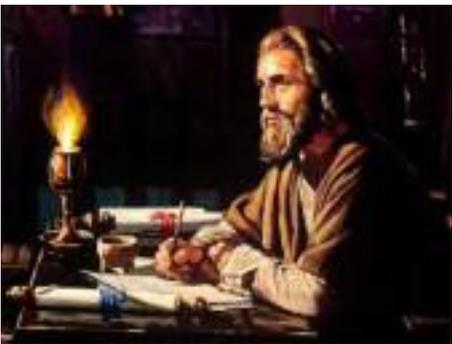




UM POUCO DE HISTORIA

A escola dominical é uma das instituições mais úteis e duradouras da história do protestantismo. Ela insere-se no contexto mais amplo da educação cristã, que tem sido sempre uma preocupação da Igreja desde os tempos apostólicos.

- a)** - O interesse em instruir, educar e capacitar o povo de Deus, foi muito importante no Antigo Testamento no contexto da família e da vida religiosa de Israel.
- b)** - No período interbíblico surgiu uma importante agência educativa judaica, que foi a sinagoga. (ver imagem mais à frente)
- c)** - O ensino recebeu enorme ênfase no ministério de Jesus, que foi mestre e reuniu em torno de si os seus discípulos.
- d)** - Na igreja primitiva, as atividades didáticas foram fundamentais para a propagação e consolidação do novo movimento, como se pode verificar amplamente nos livros do Novo Testamento.



1 Metodologias próprias para cada idade e situação

DAR TODA A ÊNFASE ÀS INTERVENÇÕES DOS ALUNOS

EM QUALQUER IDADE, (com as devidas diferenças), se o aluno participa, é porque está atento e interessado. Pode participar desenhando, perguntando ou respondendo. Se só o professor é que fala, então a escola dominical é um fracasso, pois um dos seus principais objetivos é treinar os alunos a refletir e falar (sem papaguear o que lhes ensinaram), apresentando e defendendo as suas opiniões com base nos textos bíblicos. Refiro-me à escola dominical participativa, tipo “mesa redonda”, para adultos ou jovens, que geralmente têm maior preparação cultural que os adultos, e para adolescentes que querem ser ouvidos.

A Escola Dominical não é prioritariamente um culto de pregação, mas é um “espaço” de reflexão e investigação do texto bíblico, em que os evangelhos são muitas vezes o centro do debate teológico e em que os vários participantes se podem expressar livremente.

Imagine a seguinte situação: Pertence a uma classe de adultos. O professor é muito fluente no discurso e conhecedor do tema que aborda. Passa trinta ou quarenta minutos a falar. Durante este tempo não estabelece um único diálogo com a assistência. Não faz perguntas ou faz poucas. Não escreve num quadro ou apresenta sequencialmente num power point alguns dos conceitos principais que quer ensinar. É só discurso. Os alunos podem até ficar maravilhados com o dom de oratória do professor, e para alguns isso basta. Mas o que é que foi retido? Pouco, muito pouco. Sem interação não há ensino.

Incentive os alunos a ter um caderno de apontamentos. Sem registo mesmo que sumário do





DESENHO ESQUEMÁTICO DE
SINAGOGA

que se ouve, a retenção de conhecimentos é menor e a possibilidade de intervenção é muito mais reduzida.

Se não há manual, prepare para cada lição uma folha resumo, ou melhor, uma ficha, mas com o maior número possível de espaços para serem preenchidos durante a lição. Tenha alunos participativos e não apenas ouvintes. Se fala só para ser ouvido está errado.

O USO DA PALAVRA DE DEUS DE MANEIRA INADEQUADA E/OU LIMITADA

O PROFESSOR DEVE atualizar-se e inovar (não deixando de lado a Palavra de Deus, mas incluindo assuntos relacionados com a rotina diária de cada um, problemas da sociedade, da escola, etc), pois a revista da escola dominical quando a há, foi pensada muitas vezes num contexto brasileiro ou americano, com ilustrações antigas e exemplos descontextualizados passando muitas vezes ao lado do que acontece na sociedade portuguesa ou europeia.

São, pois, fundamentais o diálogo e interação sobre a realidade que se vive no momento, intercalando os assuntos tradicionais com assuntos que tenham a ver com a realidade de cada grupo etário, dentro do contexto de vida de cada um, seguindo assim o exemplo de Cristo. Este assunto depende muito da tradição da igreja e em parte do nível cultural dos crentes. Se uma igreja “nasce” com base na emoção, sem investigação bíblica, será muito mais difícil organizar uma boa escola dominical em que haja reflexão e debate de ideias e muitas vezes, aquilo a que



se chama de escola dominical, será apenas mais uma pregação em que ninguém pede a palavra e ninguém apresenta achegas ou outras ideias diferentes das que são transmitidas pelo professor. Não esqueça uma coisa: no ensino secular os alunos estão cada vez mais cheios de aulas e cada vez querem estudar menos e a atitude do professor tem que ter em conta esta realidade. Um professor pode ser muito bom numa classe de adultos e ser um desastre numa classe de adolescentes.

Sempre que possível, marque reuniões para os professores conhecerem os pais dos alunos. Para o caso de crianças, adolescentes e jovens fora da igreja são de extrema importância.



Material Didático



2 Materiais didáticos a utilizar

Um professor não se deve acomodar aos seus “limitados” materiais de ensino.

Quando há classes grandes é importante o posicionamento professor/aluno. Uma simples curiosidade: Em muitas escolas do país depois do 25 de abril foi decidido retirar os estrados da sala de aula de onde o professor podia comunicar observando toda a classe e todos o podiam ver perfeitamente. A mania que éramos todos iguais. Nada mais errado. A capacidade de comunicação reduziu-se de ambos os lados. O professor deve ter contacto olhos nos olhos com os alunos e vice versa. Além de diálogo verbal é importante o diálogo visual.

Falta de material didático (livros, revistas, posters, etc) ou outros materiais para dinamizar as aulas.

Qualquer igreja deve ter, mesmo que pequena, uma biblioteca com uma ou duas concordâncias bíblicas, uns dicionários bíblicos, comentários bíblicos, mapas bíblicos em formato grande, cartas sinóticas bíblicas e se possível um computador. Alguns destes materiais devem ser preparados para projeção. Um dos professores deveria ser responsável pelos materiais pedagógicos existentes, sua preservação e renovação. Deviamos produzir estes materiais com qualidade de forma a que cada igreja pudesse adquiri-los para utilização em aula. Hoje não se justifica em muitas situações que cada um produza os seus materiais, muitas vezes de forma artesanal.



Devemos ensinar e incentivar a pesquisa bíblica em livros e na net tal como se faz para outros temas seculares. Mas atenção: também esta pesquisa tem que ser bem preparada e aconselhada pelos professores de forma acertiva.

Vídeos na net há muitos. Não ponha os alunos a procurar nos trinta ou quarenta minutos que dura a classe. Eles vão-se dispersar! Podem ser incentivados a procurar em casa ou então o professor deve seleccionar um ou dois de pequena dimensão que apresentará como introdução ao estudo ou discussão de um tema. Se em cada trinta minutos dez deles forem para ver ou analisar um documento impresso ou multimedia, será mais que suficiente.

Por que razão desapareceu o flanelógrafo das nossas escolas dominicais? Que melhor meio didático de ensino de histórias bíblicas encontrá-mos para o substituir?  continua no prox. número

© ilustração: Osvaldo Castanheira



Alguém viu por aí um flanelógrafo?



Henrique Gomes

HOJE COM 65 ANOS, foi aluno da Escola Dominical (ED) entre 1953 e 1970 e foi professor entre 1977 e 2002, na igreja da Rua da Sota em Coimbra.

1. Com quantos anos começou a frequentar a ED?

Tinha 3, quase 4 anos.

2. Qual a melhor memória que tem da ED?

A Festa de Natal e o Passeio da Escola Dominical. Lembro-me o quanto a Festa de Natal me motivava para fazer o melhor. Queria sempre decorar a minha poesia e vestir-me a rigor, para subir a uma cadeira e declamar a minha poesia, porque o Senhor tinha alegria, que eu fizesse o melhor para Ele.

O passeio, porque era um excelente momento de convívio, levávamos o almoço e íamos a pé até Vale de Canas, durante 30 a 45 minutos, em que convivíamos, fazíamos jogos e brincávamos.

3. Ainda se lembra de algum versículo que tenha aprendido na ED?

O primeiro versículo que me recordo de ter decorado foi João 3:16.

4. Que impacto teve, a ED, na sua vida e nas suas decisões?

Incutiu-me o princípio de amar a Palavra de Deus e de como estudá-la. Tive vários professores que me estimularam e tiveram uma grande importância na minha vida, destaco a professora Isaurinha, a minha primeira professora, na forma como fazia os seus alunos apaixonarem-se pela Bíblia.

5. Que conselhos daria, hoje, a um aluno da ED?



O aluno só tem a ganhar se for à ED. Tem a oportunidade de conhecer o plano de Deus para a humanidade e de descobrir que papel pode desempenhar nesse plano. Pode também aconselhar-se com o seu professor e descobrir que ele também teve dúvidas e preocupações como as que se têm hoje, na juventude e aprender a esperar e confiar em Deus.

6. Mais tarde foi professor da classe de jovens durante 25 anos. O que o motivou a sê-lo?

O amor ao ensino e à Palavra. Mas o momento que me fez mesmo decidir foi quando, regressado do serviço militar (guerra), assisti a uma Festa de Natal, que não teve qualquer dinamismo, fui dar a minha opinião aos professores de então, e convidaram-me, logo, para auxiliar.

7. Que mudanças verificou na ED ao longo dos anos?

Muitas. Inicialmente, tínhamos o tema definido, no início do ano, sentia que os alunos aprendiam mas não tinha grande ligação com a sua vida e os desafios que tinham. Então comecei a perguntar aos jovens o que eles gostariam de aprender. Este método começou a exigir uma maior preparação, os jovens desafiavam mesmo! Comecei também a envolvê-los e a prepará-los para serem eles próprios a apresentarem o tema durante 10 minutos, seguido de debate e depois eu dava o resumo e consolidação final. Aprendemos muito em conjunto. Começamos a escrever os próprios sketches para as festas de Natal e peças evangelísticas, havia a participação ativa de professores e alunos, que trazia um grande dinamismo à Igreja.

8. Pensa que é um ministério com futuro?

Sim. É o futuro da Igreja: Ensina o menino no caminho em que deve andar e até quando for velho não se desviará dele (Provérbios 22:6).

Se não há ED a Igreja tende a morrer. Os dons despertam-se em criança.

O meu desejo é que Deus levante bons professores de ED, que tenham noção dos tempos atuais, tanto dentro





da Igreja como fora. O professor tem de ter preparação, mas acima de tudo tem de ter dom, para ensinar, para saber acompanhar os seus alunos, para os saber elogiar quando tomam boas decisões, e que os saibam responsabilizar pelos seus atos.

9. Considera relevante, para os tempos atuais, a existência da ED?

É Essencial. Traz vida, criatividade e desenvolvimento à Igreja. Os jovens querem sempre mostrar alguma coisa aos mais velhos, se não têm essa oportunidade ou são reprimidos a Igreja não avança.

10. Que sugestões tem a dar para o futuro da ED?

O professor tem de ser criativo, senão não consegue agarrar os alunos. Se queremos trabalhar para o Senhor e ver a Sua obra crescer, não podemos ficar agarrados a manuais, eles são apenas um auxiliar, não podemos ensinar todos os alunos da mesma forma, eles são distintos uns dos outros. A ED tem de ser um espaço de diálogo, deve haver espaço para a participação e aprofundamento de assuntos delicados, que envolvem as opções dos jovens. Muitas vezes tem de haver a disponibilidade do professor, por exemplo para um lanche, em que podem conversar em particular sobre determinados aspetos.

Os jovens procuram respostas, é sempre bom brincar com eles, apresentando-lhes sempre a Palavra, mostrar-lhes que podem deixar-se conduzir pelo Senhor e conselhos do professor até perceberem que podem depender de Deus diretamente para a sua vida e comportamentos.

A liderança da igreja deve preocupar-se em identificar quem tem o dom para ser um bom professor e estimular a criatividade das suas crianças.



11. Que conselhos daria hoje a um professor de ED?

Primeiro: Que tenha a certeza do dom de ensino e que procure desenvolvê-lo.

Segundo: Que tenha compromisso com Deus e com os alunos. Em 25 anos de ministério de ED, integrava a escala de obreiros que pregavam nas várias igrejas da corporação, tinha responsabilidades na Igreja local, a família, o meu trabalho secular que era a minha forma de sustento, assim como eu tantos outros irmãos o faziam, mas fazíamos-lo para o Senhor. O melhor do que fazemos é para Ele.

Muitas vezes, o professor pode demorar horas a preparar a lição e muitas vezes chegar à classe e não dizer nada, apenas escutar. O compromisso do professor é de ganhar os seus alunos para uma vida real com Cristo.

O compromisso leva o professor a desenvolver uma verdadeira cumplicidade com os seus alunos, para que eles se sintam seguros e possam partilhar as suas preocupações e anseios pois só assim o aluno reconhece que o professor está para o ajudar, ensinar e colaborar.

12. Que impacto teve, a ED, na sua vida e nas suas opções?

A ED ajudou-me na definição de um padrão de vida cristão. As minhas decisões são sempre consideradas à luz da Palavra de Deus e tudo o que faço ou tenho, o melhor é para o Senhor.

Henrique Gomes quando aluno da ED na foto da pag. anterior e na foto ao lado já como professor. Assinalado em ambas com círculo a vermelho.



Lita Manaia

HOJE TEM 73 ANOS e foi professora da Escola Dominical (ED) entre 1986 e 2008, inicialmente nas igrejas da área da Pampilhosa e nos últimos anos em Andorinha, na zona centro do país.

1. Foi professora da classe de jovens durante 20 anos, qual a melhor memória que tem como professora da ED?

A alegria dos jovens.

Os momentos em que houve conversões ao Senhor e os momentos em que decidiam dar testemunho público da sua fé (batismo).

Quando eles buscavam o Senhor para o seu futuro e as suas decisões, chegando alguns a continuar estudos em escolas bíblicas e a decidirem ser obreiros.

2. O que a motivou a ser professora de ED?

Inicialmente convidaram-me para auxiliar na Festa de Natal e mais tarde, foi porque senti que o Senhor me dizia que poderia ajudar os jovens e também tive a confirmação por outros irmãos de que o deveria fazer.

3. Que mudanças verificou na ED ao longo dos anos?

A forma de ensinar. Em 20 anos de ensino, os tempos mudam, os alunos têm outras necessidades outros desafios, conhecem coisas que na minha juventude não existiam ou não se falavam. E o professor tem de procurar ir ao encontro dos seus alunos e das suas necessidades. Foi necessário mudar os modelos, algumas vezes passámos a fazer a ED fora de portas, era necessário saber escutar os alunos e não apenas ensinar-lhes a Bíblia, promover convívios entre os jovens, ir à praia, entre outros.



4. Pensa que é um ministério com futuro?

Sim. É essencial. A ED não pode ser substituída pela pregação de domingo, porque a maioria dos jovens não entende uma pregação e nos tempos atuais até têm dificuldade em perceber que ligação tem a pregação na igreja com o que vive no dia-a-dia. A ED é um espaço de partilha e estudo sobre assuntos específicos relacionados com as necessidades da idade. A ED tem espaço para a dúvida imediata e isso motiva o aluno quando constata que a Bíblia escrita há tanto tempo, afinal não está fora de moda e é um livro vivo, que nos desperta, transforma e encaminha.

É muito importante para o professor confiar no Senhor e que Ele fará a Sua parte se o professor fizer a sua. O professor tem de orar pelos seus alunos.

5. Considera relevante, para os tempos atuais, a existência da ED?

Sim. Apesar dos desafios serem muito grandes e de os métodos terem necessariamente de ser outros bem distintos de há 20, 10 ou até mesmo 5 anos atrás. Hoje os meus netos e a sua geração vivem ligados à internet, dentro de casa ligados a todo o mundo. Mas esta geração também necessita de quem os faça compreender que Deus tem um lugar único em cada Ser Humano e que esse lugar não pode/deve ser ocupado por mais nada nem ninguém, porque quando assim acontece o resultado não é bom.

6. Que sugestões tem a dar para o futuro da ED?

Tem de ser uma prioridade da Igreja. As Igrejas têm de estar recetivas aos novos desafios, desenvolver a criatividade dos professores, saber cativar os jovens, as crianças e até mesmo os adultos ao estudo da Bíblia, conversar com eles, ouvi-los, fazê-los sentirem-se bem, não os pressionar e dar-lhes liberdade de poderem expressar-se e de questionarem o que querem saber. Os jovens e as crianças querem sempre saber alguma coisa, mesmo que, atualmente, sejam uma geração em silêncio frente ao computador ou ao telemóvel. As Igrejas têm de capacitar professores, não basta ter boa vontade.



7. Que conselhos daria, hoje, a um professor de ED?

Tem de estar comprometido com o ministério do Senhor.

A sua vida tem de ser um exemplo da aplicação prática do que ensina.

Deve procurar conhecer mais a Palavra de Deus e buscar sempre a Sua direção.

Deve saber cativar os seus alunos e esforçar-se por entender o meio e a conjuntura em que vivem.



Alunos de Lita Manaia, Natal de 1992



A PRÁTICA DE LIDERAR SERVINDO ou Servindo, ao liderar

por Ian Burness (Echoes of Service - UK) - Tradução, e edição António e Cristina Calaim

“Eu estou no meio de vós como aquele que serve” Lucas 22: 27

Parece haver um conflito no conceito servo-líder.

Normalmente líderes lideram e servos servem,
estes apoiando o trabalho daqueles.

Quando o modelo é Jesus, não há nenhum conflito!



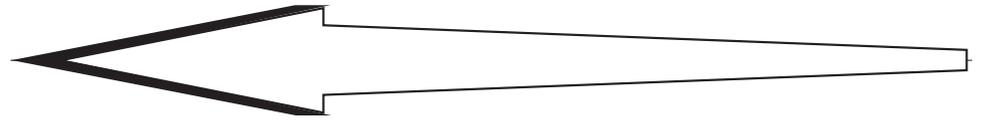
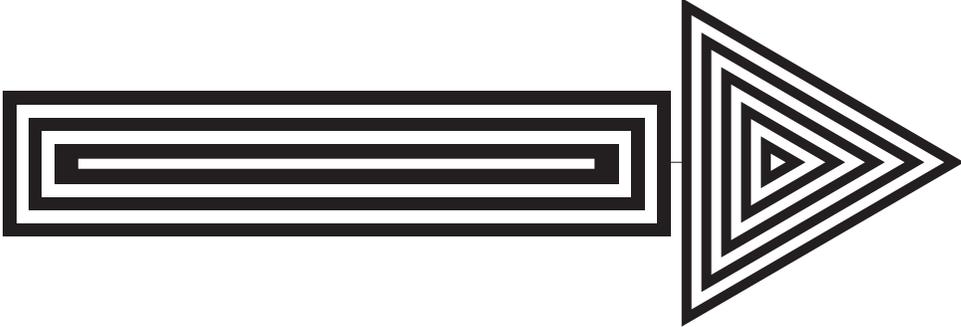
é muito fácil pegar
num modelo secular
e “santificá-lo”,
anexando alguns textos
da Bíblia

A LIDERANÇA E O SEU DESENVOLVIMENTO tem sido uma área em crescimento já há mais de 40 anos. A “descoberta de liderança” teve lugar na década de 60. Antes, os líderes eram reconhecidos, mas não especificamente treinados para esse papel. Certas classes na sociedade eram consideradas líderes e as outras seguiam. Liderança era boa, má ou neutra, mas geralmente era incontestável. Os líderes eram reconhecidos pelas suas “qualidades”, “status”, ou simplesmente porque detinham as alavancas do poder. Lee Iacocca, um executivo eficiente da Chrysler Motor Company na década de 70, mudou este modelo para um tipo de CEO forte. “Para onde foram os líderes?” é o título da sua biografia. Com John Maxwell, os evangélicos descobriram o treinamento para a liderança, matéria que foi popularizada por Bill Hybels e outros, ao ser reconhecido que a falta de liderança é “a garantia do desastre”. Manuais sobre liderança e treinamento agora enchem as estantes do mundo. Amazon tem 75 páginas no seu sítio, um total de 1200 livros sobre Liderança! A maioria destes trata de como alcançar sucesso no mundo dos negócios, crescimento do lucro e controle do presente e do futuro. Os próprios cristãos adaptaram esses modelos e líderes evangélicos foram designados para conseguirem resultados e crescimento, muitas vezes optando por ignorar fundamentos bíblicos. É muito fácil pegar num modelo secular e “santificá-lo”, anexando alguns textos da Bíblia, criando um modelo fundado em pressupostos seculares, segundo o mundo.





... a falta de liderança



é "a garantia do desastre" ...



FUNDAMENTOS BÍBLICOS - O MODELO DE LÍDER SERVO

A COSMOVISÃO DO “ILUMINISMO” tem conduzido a modernidade à crença de que os seres humanos podem desenvolver o progresso sem limites. O desenvolvimento e crescimento não são necessariamente hostis à obra de Deus, mas por detrás desta visão de mundo encontra-se um entendimento diferente: em vez de Deus ser Rei e estar no trono do universo, o Homem está agora no trono. David Bosch resume o efeito desta mudança cultural no pensamento proveniente do iluminismo: “O credo central do iluminismo é a fé na humanidade, cujo progresso é assegurado pela livre concorrência dos indivíduos ao procurarem obter a sua felicidade. Este apetite insaciável pela liberdade de viver como melhor agrada tem-se desenvolvido como um direito inviolável nas "democracias" ocidentais. A autossuficiência do indivíduo acima da responsabilidade social foi exaltada como um credo sagrado. Não há absolutos: a liberdade é absoluta.” (D Bosch, Transforming Mission Orbis, 1991, p 267)

É por isso que primeiro devemos estabelecer as nossas bases bíblicas. Temos de examinar o modelo de nosso Senhor Jesus Cristo em João 13, o modelo supremo de uma liderança servidora. Na mesma ocasião, Jesus disse aos apóstolos que debatiam as suas prioridades na liderança: “Os reis dos gentios dominam sobre eles, e aqueles que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Mas não é assim com vocês. Pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor, e o líder como aquele que serve. Pois quem é o maior, aquele que se reclina na mesa



ou quem serve? Não é o que se reclina na mesa? Mas eu estou no meio de vós como aquele que serve”(Lucas 22: 25-27).

Isaías apresenta o modelo de servo no seu "Cântico do Servo" (Isaías 42: 1-4) Observamos quatro coisas sobre o modelo de liderança nesta passagem, que Mateus aplica a Cristo. (Mateus 12: 18-21)

1. Sua chamada e capacitação para a liderança – “o meu escolhido” “Eu vou colocar o meu espírito sobre ele”. Os líderes podem ser treinados para serem melhores e mais eficazes, mas a liderança (e administração) são dons espirituais divinamente dados a quem Deus chama e equipa pelo Espírito Santo (Romanos 12: 8; 1 Cor. 12: 28)

2. Seu caráter é visível “Ele não vai chorar em voz alta ou levantar a sua voz...” (v.2). Como servo de Deus, ele não estava preocupado com a autoprojeção, mas em fazer a vontade do Pai e servir os outros. Jesus descreve-se a si mesmo como “manso e humilde de coração” (Mateus 11: 19) palavras que habitualmente não são encontradas numa lista de qualidades de liderança.

3. Sua compaixão é enfatizada (v. 3) ao trabalhar com o quebrado e necessitado, não descartando a cana quebrada, ou extinguindo a luz que ainda fumega, mas restaurando cada um à sua função útil.

4. O líder servo não se faz de fraco ou desanimado. (V. 4). O desânimo é um flagelo de liderança, que pode levar-nos a desistir. Ele vai continuar até que tenha terminado o seu trabalho para Deus. Aqui está o tipo de liderança servidora na prática; este é o Senhor que seguimos; O modelo a imitar. Jesus Cristo, Ele mesmo, é "O Rei Servo “



AS QUALIDADES PESSOAIS DE LÍDERES SERVIDORES

QUE QUALIDADES devem estar presentes num líder cristão?

O caráter é uma necessidade fundamental para o líder servidor cristão. Paulo podia dizer “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (I Cor 11.1), porque o seu caráter era semelhante ao de Cristo. Piedade pessoal, busca da santidade, crescimento na graça de Cristo, devem ser as principais marcas daqueles que lideram no serviço do SENHOR. No mundo secular, presume-se que o que uma pessoa é e faz na sua esfera privada não afeta a sua competência para cumprir os seus deveres como líder. Isto não é certamente verdade para os líderes cristãos. “Lembrai-vos dos vossos líderes, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver” (Heb 13.7). Uma igreja, ou organização cristã, raramente terá um nível acima do nível da sua liderança e se a liderança não evidencia um caráter divino, então o impacto será sério, até mesmo fatal. Albert Mohler escreve: “Aqueles a quem lideramos esperam ver-nos a viver de acordo com as nossas convicções. Eles não vão ficar satisfeitos com a pessoa que vive apenas em função de uma imagem pública, pretensão do verdadeiro eu.” (Albert Mohler: *The Conviction to lead*; Bethany (2012). p. 79) Líderes servos devem antes de tudo praticar a auto-disciplina da piedade, pois a maior ameaça para o não cumprimento do nosso papel está dentro de nós, e não em fatores externos. A faculdade da autocrítica e autoavaliação rigorosa são essenciais, pois é tão fácil tolerar as nossas falhas e criticar estas mesmas noutros. O caráter do Servo-líder é crucial.



Competência. Os líderes cristãos devem ser pessoas boas e piedosas, mas nem todas as pessoas boas têm a capacidade de liderar. A liderança eficaz exige certas qualidades. Nem todas serão encontrados num indivíduo, mas algumas têm de estar presentes. Uma Liderança plural permite que uma variedade de dons e habilidades sejam reunidas numa equipa equilibrada. Os líderes precisam de convicção, de acreditarem no que foram chamados a fazer, e ter energia e entusiasmo para o fazer. Eles influenciam os outros. Esta convicção, que impedirá de se desviarem com qualquer vento, inspira outros a seguir a sua direção.

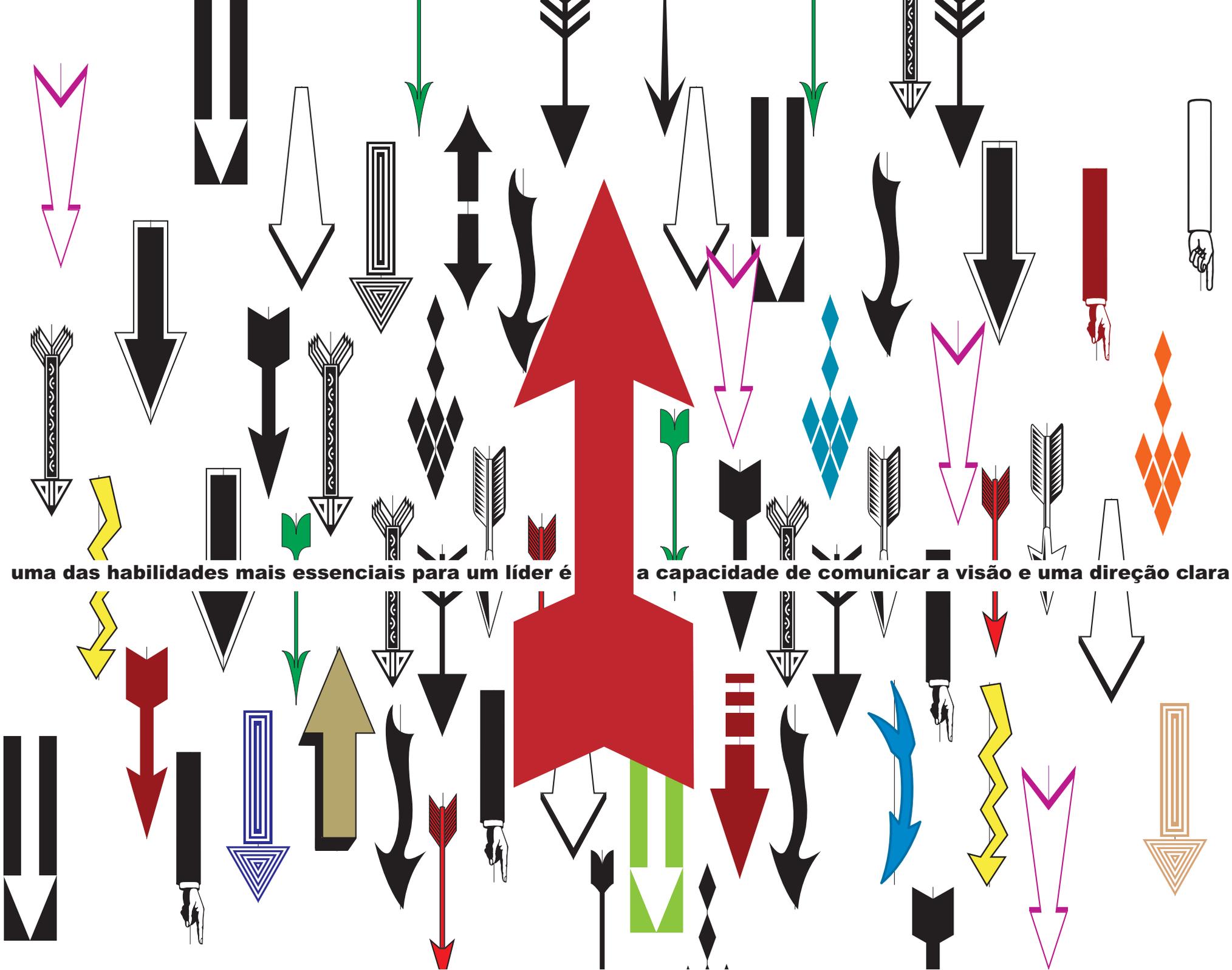
Os líderes são gestores, que administram e gerem pessoas, processos e ministérios de forma eficaz. Eles delegam e permitem que outras pessoas completem as tarefas que levam ao cumprimento dos objetivos e metas globais.

Os líderes são comunicadores: uma das habilidades mais essenciais para um líder é a capacidade de comunicar a visão e uma direção clara. Isso também requer habilidade para falar em público. Líderes usam o poder com cautela, percebendo os perigos inerentes. O status e proeminência podem rapidamente distorcer as nossas próprias perspectivas. O som de nosso próprio nome pode ser inebriante e há que estar atento às armadilhas. O poder, associado com a liderança, é perigoso e precisamos de nos cercar de pessoas que nos aconselhem e nos critiquem honestamente. Eu vi uma citação de Abraham Lincoln na página do facebook de um amigo: "Quase todos os homens podem enfrentar a adversidade, mas se queres testar o caráter de um homem, dá-lhe poder."



uma das habilidades mais essenciais para um líder é a capacidade de comunicar a visão e uma direção clara

© ilustração: Osvaldo Castanheira



DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO

LIDERANÇA NUNCA PODE SER ESTÁTICA, mas deve responder à mudança. Enfrentamos hoje o avanço da tecnologia e uma sobrecarga de informações. Como vamos sobreviver? Os líderes devem ser alunos ao longo da vida. Educação é aprendizagem contínua e desenvolvimento; os líderes devem ser aprendizes contínuos, capazes de avaliar o que tem valor e usar isso para melhorar o seu desempenho. Parar de aprender quer dizer que atingimos a fase em que devemos sair da liderança.

Os líderes devem ser pensadores. Adquirir conhecimento é importante, mas há uma diferença entre conhecimento e sabedoria. A sabedoria é o conhecimento corretamente aplicado após reflexão, e para os líderes isso significa buscar a mente de Deus pois "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria"(Provérbios 1: 7)

Todo o líder deve arranjar tempo para refletir, e para aplicar essa sabedoria à realidade. "A negação consciente da realidade é um perigo central da liderança, e o líder deve defender-se contra essa tentação. " (Mohler: p.60)

Os líderes devem ser leitores. Isto pode ser difícil para alguns, mas temos de tentar fazer da leitura uma parte importante do nosso desenvolvimento contínuo. Se como líderes devemos entender os tempos e as necessidades da nossa geração, então temos de alimentar as nossas mentes e ler muito.



Prestação De Contas

Liderança é descrita por Paulo como uma mordomia, "É exigido dos administradores que cada um seja encontrado fiel" (I Cor. 4: 2).

Os líderes têm vários níveis de responsabilidade, primeiro perante Deus, depois perante aqueles que são liderados, aqueles a quem servem, os colegas de equipa e os que apoiam o seu ministério. Prestação de contas é essencial para líderes que enfrentam muitos perigos e tentações. Para os homens, os três grandes perigos na liderança são dinheiro, sexo e poder. É provável que cada um de nós seja vulnerável numa dessas áreas, se não em todas. Para as mulheres na liderança (ainda hesitei ir por esse caminho), o favoritismo e a inflexibilidade podem ser problemas. Se não entendermos que há tentações, e não desenvolvermos a prestação de contas, mais cedo ou mais tarde todos seremos vulneráveis.

Liderança e as nossas culturas

Os princípios bíblicos de liderança podem ser aplicados universalmente, embora as formas de liderança tenham diferentes variantes de uma dada cultura para outra cultura. No nosso mundo globalizado, onde as culturas interagem com tanta frequência, isso pode levar a mal-entendidos e a práticas com diferenças significativas. Como cristãos, vivemos sob a autoridade das Escrituras, ainda que interpretemos as Escrituras de forma diferente, e a nossa prática será moldada pelo meio ambiente e contexto. A nossa cultura afeta a maneira como operamos na liderança. Com o crescimento das equipas missionárias, que incluem membros de diferentes culturas, a probabilidade de mal-entendidos é muito grande. Um dos mais significativos trabalhos interculturais dos últimos 30 anos tem sido feito pelo pesquisador holandês, Geert



Hofstede. Geert Hofstede; Culturas e Organizações, Harper Collins (1994); GJ Hofstede, P, Pedersen, G. Hofstede, Explorando Cultura; Pressione Intercultural (2002). No decurso da apresentação, vamos considerar isto resumidamente.

AS DIFICULDADES DE LIDERANÇA

A liderança pode falhar ou ser ineficaz e existem várias razões para isso.

Liderança ausente

Vácuo na liderança, liderança inadequada ou menos reconhecida levam a falha de liderança. A reação contra a liderança autoritária pode levar a uma liderança consensual vaga que paralisa a tomada de decisão. Avançar torna-se improvável e o ministério regride ou desintegra-se. A reação a uma má liderança não é passar a não haver liderança, mas sim uma liderança melhor equipada e treinada.

Liderança dominante ou ditatorial

O extremo oposto é uma liderança forte e dominadora e os exemplos abundam. Enquanto os líderes devem liderar, também devem ouvir aqueles a quem são chamados a liderar. Embora a convicção e confiança sejam essenciais, estas podem evoluir para uma liderança que não aceita qualquer crítica. Pedro diz que os anciãos devem ser "não dominadores sobre aqueles que estão a seu cargo" (1 Pedro 5: 3). Os nossos irmãos africanos, e outros, estão bem familiarizados com a "Síndrome do Big Man/Grande Homem", quando os líderes acumulam poder, dominam e abusam sobre aqueles que conduzem. Vemos isso na vida pública e, infelizmente,





... No
nosso desejo de evitar líderes
dominantes, podemos criar um tipo
de líderes indecisos, que não querem
ofender ninguém e procuram manter-se
sempre do lado de todos.
Este tipo de líder não lidera e, embora
não devamos ser ofensivos mas falar
com graça, o líder deve liderar, e isto
exige coragem e capacidade de
tomar decisões e de as
defender ...

também nas comunidades cristãs. Isto nunca deve ser encontrado no tipo de liderança servidora nem praticado pelos seguidores de Cristo. Se Ele era manso e humilde de coração, assim também devem ser aqueles que aceitam o ministério de liderança no Seu reino.

Liderança indecisa ou fraca

No nosso desejo de evitar líderes dominantes, podemos criar um tipo de líderes indecisos, que não querem ofender ninguém e procuram manter-se sempre do lado de todos. Este tipo de líder não lidera e, embora não devamos ser ofensivos mas falar com graça, o líder deve liderar, e isto exige coragem e capacidade de tomar decisões e de as defender. A obra de Deus nunca vai prosperar enquanto os líderes forem fracos, isto não é uma liderança servidora.

Liderança muito ocupada

Liderar exige tempo: tempo para pensar, planejar e praticar o exercício da liderança. Num tempo em que estamos cada vez mais ocupados, muitos líderes não conseguem liderar devido à muita ocupação. De tarefa em tarefa, não existe o tempo necessário para deliberar e orar, conduzindo a decisões apressadas e julgamentos pobres. Muitos vão reconhecer esta síndrome e talvez se encontrem num momento destes. Revejo-me muito nesta descrição. É melhor fazer algumas tarefas bem do que muitas tarefas mal e se estamos envolvidos em liderança cristã, devemos podar nosso jardim regularmente, reduzir nosso número de compromissos, e simplificar a nossa vida. Desafio os líderes de hoje a olharem para a sua carga de trabalho, a perguntarem a si mesmos o quão bem estão executando, e a considerarem reduzir o que cada um faz para que, de acordo com as suas capacidades, possa fazer bem o que é essencial.

As pressões da liderança

Se não reduzir o volume de trabalho, com o andar do tempo isto vai acabar consigo. Muitos líderes são afetados por altos níveis de stress, que pode levar a um esgotamento e problemas de saúde a longo prazo. É necessário prevenir enquanto a carga ainda é aceitável, senão vamos sofrer consequências sérias.

Liderança eterna

Nas Escrituras não há uma diretriz, nem é dito até que idade devemos permanecer na liderança, mas esta área é uma das mais difíceis no mundo cristão. Tantos líderes assumem que são indispensáveis, que as suas capacidades nunca vão diminuir e que são líderes para toda a vida! Uma grande falha na liderança é manter-se no poder por muito tempo. Os líderes que não preparam a próxima geração de liderança não estão aptos para o efeito. A liderança de cada igreja local deve estabelecer uma política relativa a prazos de serviço para Anciãos e

Obreiros da e na igreja local

Cada ministério deve definir os tempos de ministério/serviço para os membros das direções, e assegurar-se da introdução regular de líderes mais jovens. Não fazer isto, levará a resultados negativos e más transições. A nossa liderança terá fracassado se não considerarmos como podemos ser substituídos. Tem sido bem dito que "Não seremos bem sucedidos em qualquer ministério ou trabalho, até que tenhamos treinado nosso sucessor"

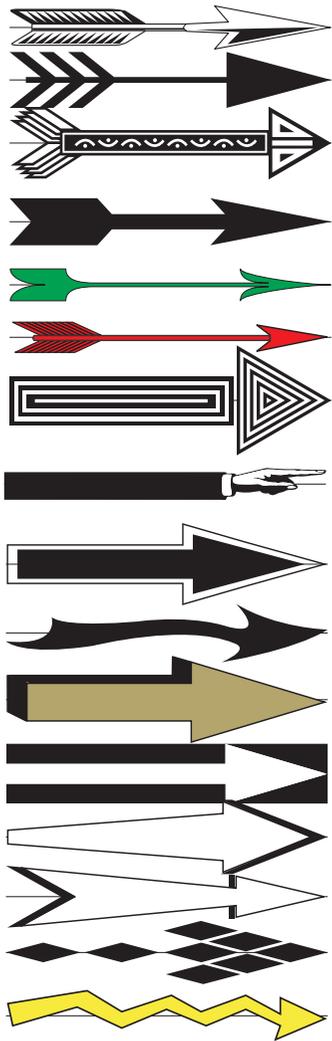


Liderança servidora é liderança compartilhada

Servimos no corpo, sob a autoridade de Cristo. Servimos cada um ao outro, servimos como irmãos e irmãs, “submetemo-nos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef. 5: 21) É bom haver ênfase crescente no treinamento de liderança, mas devemos tomar cuidado com a pressão de mudar para uma liderança “profissionalizante”, de tal maneira que, mais uma vez, estes líderes se diferenciem dos “leigos/membros comuns”. Esse é um perigo que devemos evitar, enquanto afirmamos a necessidade de liderar melhor, e reconhecemos aqueles que são dotados para a liderança.

David Bosch, no seu último livro, destacou a revitalização do ofício/sacerdócio de todo o crente como crucial para o crescimento futuro da obra de Deus: “A profissionalização do ministério ordenado tem uma história antiga que remonta aos primeiros séculos da Igreja cristã. A Reforma Protestante redescobriu o ofício/sacerdócio de todo o crente; no entanto, nos principais ramos das igrejas da Reforma permaneceu em grande parte como teoria. Só com o movimento Reforma Radical isto se reafirmou, mas até mesmo as igrejas decorrentes deste ramo da Reforma têm hoje, em grande parte, um ministério ordenado profissionalizante. Para o nosso presente tema, a revitalização do sacerdócio/ministério do crente é crucial por duas razões: em primeiro lugar, o testemunho da igreja será muito mais credível por provir daqueles que não pertencem ao clã dos pastores; e, segundo, só desta forma é que vamos começar a reunir o que a nossa cultura tem dividido, as esferas da fé privada e da vida pública, onde os membros leigos da igreja pertencem claramente ao mundo público e secular, enquanto os pastores pertencem a um mundo separado, ‘religioso’”. David Bosch, acreditando no futuro; Trinity (1995) p. 59





O modelo de liderança servidora é Jesus Cristo e os requisitos principais para a liderança servidora são caráter piedoso e competência. Devemos estar conscientes dos perigos da liderança no nosso próprio ministério e **procurar constantemente líderes emergentes** que possam ser treinados para assumir o nosso papel, para que a obra de Deus progrida, e o corpo de Cristo cresça até à maturidade.



20 ANOS DEPOIS

por Ivan Fletcher

NO VERÃO DE 1973 eu e a minha esposa e os meus dois filhos na altura (Ivan, Olívia, Rúben e Lídia) mudámos a residência de Setúbal para Vila Nogueira de Azeitão.

Não conhecíamos muito bem os costumes da região e no dia 1 de Novembro fomos surpreendidos por vários grupos de crianças a tocar à campainha e a pedir "Pão por Deus".

Como não estávamos à espera desta situação, não tínhamos nada para lhes dar, mas convidámos cada grupo de crianças a voltar às 15.00H e teriam algo especial para eles.

Às 15.00H um grupo razoável de crianças apareceu à porta. Foram convidadas a entrar e, além das guloseimas que esperavam, a Olívia deu-lhes uma lição Bíblica. Convidámos todas as crianças a voltar no sábado seguinte à mesma hora. Assim começou uma reunião bíblica semanal para crianças. Os filhos Rúben, Lídia e John, que nasceu no ano seguinte, foram uma grande ajuda a atrair mais crianças e a manter a assistência.

Mais tarde estabelecemos contactos com os pais das crianças e começámos algumas reuniões nos seus lares. Organizámos, também, algumas atividades ao ar livre junto às residências de algumas das crianças onde a Olívia cativava crianças com o seu dom de pintura.

Foi assim que começou a Igreja de Deus em Azeitão que se reúne nas instalações do "Centro Bíblico de Azeitão".

Uma dessas crianças que assistiu a estas reuniões ao ar livre e veio à igreja algumas vezes foi o **Renato Gavaia** (*ver entrevista nas páginas que se seguem*).



Mas a partir dos doze anos de idade nunca mais o vimos. Há coisa de cinco ou seis anos vimos novamente o Renato voltar com o seu filho Marcos a uma das classes para crianças que fazíamos no bairro próximo da igreja, onde passávamos com a carrinha e convidávamos todas as crianças que brincavam na rua. Foi uma grande alegria para nós verificar que a semente que foi plantada há vinte anos através daquelas reuniões com crianças estava agora a germinar na vida do Renato e de toda a sua família. Em 2011 pudemos alegrar com o Renato, com o seu batismo e em 2012 com a chegada de mais um elemento na família, o Francisco que também faz parte de toda a família que se reúne no Centro Bíblico de Azeitão. Só podemos dar graças a Deus por esta família e por aquilo que Deus tem feito nas suas vidas e por meio dela.



Fotos

- 1, 2, 3 e 4 Reuniões de crianças ao ar livre
- 5 e 6 Batismo do Renato
- 7 Apresentação do Francisco
- 8 Centro Bíblico no aniversário em Maio deste ano



ENTREVISTA A

RENATO
GAVAIA

Com quantos anos foste à Escola dominical?

Entre os seis e os doze anos, embora não regularmente

Qual a melhor memória que tens da Escola dominical?

Sem dúvida o convívio saudável com uma típica paz e alegria que hoje entendo só ser possível em comunhão com Cristo.

Ainda te lembras de algum versículo que aprendeste na Escola dominical?

Lembro-me de um dia o Ivan citar o versículo II Coríntios 5:17 «Quem está em Cristo nova criatura é» e, partindo uma chávena continuou «As coisas velhas já passaram» e empunhando uma nova chávena concluiu «Eis que tudo se fez novo» esta memória vem-me acompanhando por toda a minha vida.

Quando voltaste novamente para a igreja e Jesus e o que te fez voltar?

Uma vez os familiares de uma irmã de fé que sempre me foi muito querida vieram do estrangeiro para gozar férias e foram à casa dos meus pais cumprimentá-los. Eu estava lá, e, levado pelo ambiente, comecei a recordar o CB como se fosse uma boa lembrança do passado. De repente «caiu-me a ficha» e pensei... mas o CB ainda lá está, e à espera de toda a gente e foi aí que voltei, agora como adulto e acompanhado com o na altura, meu único filho.

Que mudança verificas na escola dominical agora comparando com os teus tempos?

Dada a irregularidade com que assisti enquanto criança não consigo estabelecer uma comparação.

Pensas que é um ministério com futuro?

Sem dúvida.







Consideras relevante para os tempos atuais a escola dominical?

Bastante. Um adulto que não seja apreciador de sopa pode comê-la com satisfação uma vez que sabe que faz bem à saúde. Uma criança pequena não tem essa noção de alimentação saudável e quando não gosta... não gosta. Mas nós adultos, com o clássico truque do «aviãozinho» não só a fazemos comer como transformamos a hora da sopa numa das mais felizes do seu dia. Nesse mesmo conceito, acho que uma das melhores estratégias da Igreja é ensinar a Palavra de Deus com métodos ajustados a cada idade.

Que impacto teve/tem na tua vida a Escola dominical?

Mesmo nos tempos em que estive ausente, e numa altura em que ser mau e rebelde era popular entre os adolescentes, o meu coração, embora eu não desse a entender, sentia um estranho incómodo quando confrontado com a crueldade típica desta fase.

Que influência teve nas tuas decisões?

A procura pelo bem comum. Muitas das vezes até me esqueço dessa procura, mas lá surge o tal incómodo responsável por tanta satisfação posterior.

Tens sugestões a dar para o futuro da Escola dominical?

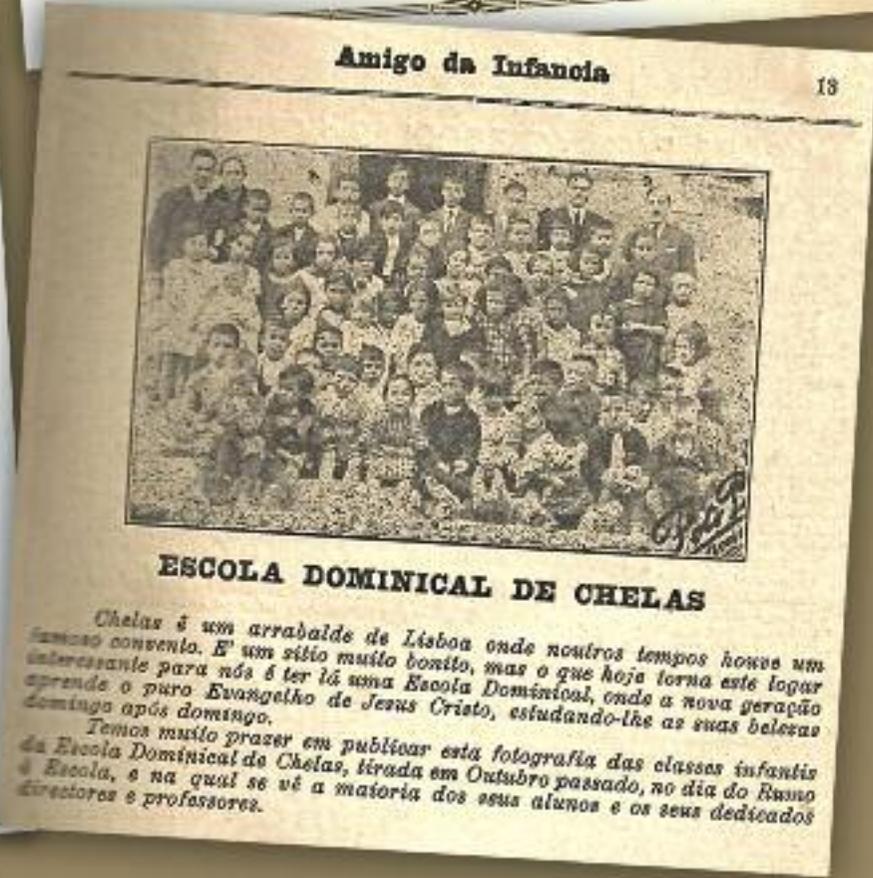
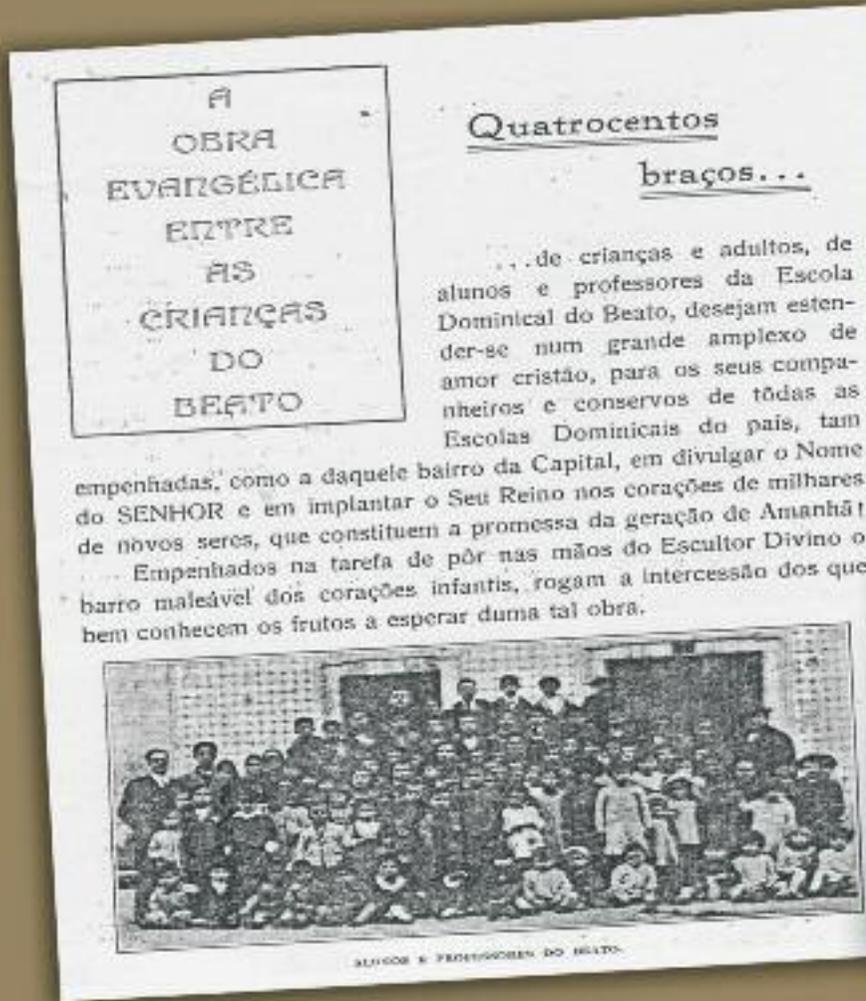
Acho que os moldes atuais estão muito bem adaptados às necessidades da Igreja.



Carrascal
1936

À direita recortes retirados de “Amigo da Infância” revista Evangélica dedicada às crianças existente de 1918? a 1940?.

Em baixo, primeira página de um apontamento monográfico de 1936 sobre “A obra evangélica entre as crianças do Beato”.



Chelas
1928

— Oh! mamã, Mãe como foi isto fôz meio dia e mais tarde... Com passo depressa este tempo!... Fôz-se a mudança que de já não volta!

— Mamã! Foi bem sabê que de hoje de vir... Que momento como é que se capta. Quando se vêem o espírito mais-lá se torna parecer ótica — e carrega-o de filho empunha de praia o lavar. Agora vai, não tejas exa-me o papá.

— Oh! mamã, em casa que fôz. Se os livros começarem mais cedo também falta falta o verão e o frio.

— Sim, sim; não se esqueça. Pelo amor de Deus não diga ao pai que eu choro.

Não digo não. Cuidado com as crianças. A mãe, recolhendo-se logo que perdes de vista a filha adormida, trata de alisar ligeiramente o cabelo.

Ignorando os papéis repulcadas sobre a mesa, restou a lembrança de a mãe é que não ficou nada em a esquecer.

Alto Proseco.

A 4.ª Convenção das Escolas Dominicais da Igreja Lisbonense

Foi muito bem sucedida esta convenção, que teve lugar de 8 a 10 de Junho, em Lisboa, na sede da Igreja Lisbonense Presidência do pastor sr. José Augustina dos Santos e Silva, secretário pelas sras. Eduardo Moreira e Julio Ernesto da Silva. Participaram representantes de escolas da Estafânia, Ajuda, Memória, Caeira, Alto do Vaqueiro, Amorsicua e Buenos Aires em Lisboa; Casillas; Portalegre; Elysa; Brava; Pigeira da Paz e Carefos; Ponta de Sôr; Rocio de Abrantes; Aguna Santa na Maia; Termas do São Pedro do Sul, Rasm 19 as escolas dominicais representadas com 28 classes, 800 alunos matriculados e uma assistência média 300 por domingo e 30 instructores.

A sessão de abertura teve lugar no sábado à noite, sendo pelas apresentações os relatórios e o livro das obras literárias de domingo, celebraram-se na segunda-feira, o dia de Canções terciais municipal de Lisboa, a sessão magna em que deram seus testemunhos e proferiram seus discursos na presença de representantes das classes presentes, cantando cada escola uma estrofe do seu himno peculiar.

Antes desta sessão realizara-se de manhã o passeio ao Estabejo do Parque Eduardo VII, cuja descrição, na infantil linguagem dum aluno de dez anos, virá no próximo número.

Houve à noite a distribuição da Sopa Eucarística da Escola da Estafânia, que nesse dia se inaugurava. Setecentas sopas foram distribuídas e ministradas em franca alegria.

A noite realizou-se a sessão de encerramento, discursando alguns irmãos e pedindo-se a Deus que abenço e proteja-se a obra de abenço e desenvolve a sua acção conjunta em encorajamento geral que cresçam as religiões de instrução e salvação de todo o país.

Damos a seguir as Impressões e conclusões da Convenção

Recordações:
A impressão que se me restou os sessões dominicais e de terças das crianças por des-ferir de cada escola são sempre de grande interesse.

A necessidade de dar maior ênfase a todas as escolas dominicais.

A necessidade de desenvolver o ensino bíblico de exposição prior de creches e jardins de amor com a educação e preparação a nível infantil.

A resolução de fundar classes sociais nas freguesias de Lisboa e arredores de Lisboa e do distrito.

O livro pedindo de estudar os preparativos e dar o maior e maior ênfase possível.

A lista dos nomes e membros de destaque para ser o interesse da educação infantil e da infância, sendo que se deve estabelecer a maior ligação com a pedagogia e socialização para a vida.

Sinceramente felicitamos os organizadores desta Convenção e fazemos votos para que o seu exemplo fructifique.

As Escolas Dominicais de Portugal

(Estatística referida a 1 de Janeiro de 1928)

Como prometemos na nossa edição de festas, publicamos agora a estatística das Escolas Dominicais de Portugal, isto computa como nos foi possível organizar com os elementos que nos chegaram.

Continente:	Alunos	Professores	Classes
Almada	1	16	17
Almada	1	160	181
Almada	1	17	17
Almada	1	70	21
Almada	1	10	28
Almada	1	—	9
Almada	2	25	—
Almada	5	29	—
Almada	2	19	6
Almada	3	22	—
Almada	22	30	91
Almada	3	150	—
Almada	1	17	—
Almada	4	21	18
Almada	5	123	20
Almada	8	251	102
Almada	7	74	103
Almada	3	110	—
Almada	2	305	—
Almada	5	25	50
Almada	4	20	—
Almada	1	19	—
Almada	2	10	9
Almada	2	12	31
Almada	9	60	123
Almada	1	77	—
Almada	1	30	37
Almada	3	45	—
Almada	3	180	1
Almada	18	252	30
Almada	17	250	100
Almada	3	48	—
Almada	6	42	25
Almada	3	34	—
Almada	1	24	—
Almada	1	15	—
Almada	1	25	—
Almada	1	33	10
Almada	3	63	—
Almada	3	120	36
Almada	10	240	38
Almada	5	17	30
Almada	5	17	30
Almada	5	77	32
Almada	2	23	9
Almada	1	25	—
Almada	1	15	—
Almada	1	15	—
Almada	5	73	—

122 3305 507 4300

Lições para as Escolas Dominicais

Domingo 11 de Novembro

Paz e alegria entre os homens

Novembro, 12, 1, 2 e 9 e 21

SENHO AGRADO, ANO A... (text partially obscured)

- Lição bíblica evangelizadora:**
- Mat. 22-23 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 11-12 — Parábola do Reino de Deus
 - Mat. 24-25 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 13-14 — Parábola do Reino de Deus
 - Mat. 26 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 15 — Parábola do Reino de Deus
 - Mat. 27 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 16 — Parábola do Reino de Deus

Letras e plano da lição

- TEMPO:** — A Epístola nos domingos de manhã entre as 8 e as 9 h.
- LEITURA:** — São João Evangelho em Colónia.
- ACORDADO:** — 1 vez da manhã.
- I — Truente ex. Colónia, 17 e 18
 - II — Alameda de Torres, 17 e 18
 - III — Rua de São João, 17 e 18

Recomendações para as diversas classes

CRANÇAS:
Estas crianças a parábola de São João Evangelho. Com isto se mostra a vontade de Deus de salvar a todos. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição.

JUVENTUDE:
Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição.

ADULTOS:
Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição. — Este a lição, para dar a paz. A lição sempre vai de lição para a lição e sempre vai para a lição.

Domingo 18 de Novembro

Exposições da Paulo em Jangasim

Novo, 21, 27 e 22, 1, 22 a 29

SENHO AGRADO, ANO A... (text partially obscured)

- Lição bíblica evangelizadora:**
- Mat. 22-23 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 11-12 — Parábola do Reino de Deus
 - Mat. 24-25 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 13-14 — Parábola do Reino de Deus
 - Mat. 26 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 15 — Parábola do Reino de Deus
 - Mat. 27 — Parábola do Reino de Deus
 - Luc. 16 — Parábola do Reino de Deus

Notas e plano da lição

TEMPO — Ano 17.

1918

janeiro de 1928

Estatística das Escolas Dominicais de Portugal

(Referente a 31 de Dezembro de 1923)

(Resposta por rãs locais e rãs escolas dominicais de todos os annos)

CONTINENTE	Escolas dominicais	Alunos	Professores
AGUADA DE CIMA	14	1	1
AGUAS SANTAS	12	1	1
ALMADA	43	4	5
CACILHAS	134	1	2
ESORA	15	2	1
FREIXEIRA DA FOZ	74	1	1
FROESOS	9	3	1
GALEA	48	1	2
Candal	47	2	2
Oliveira do Douro	132	8	8
Paço	205	2	2
Torre	44	3	2
ILHA DE PALMEIRA	65	3	7
LISBOA	50	1	1
Ajuda	26	2	2
Almirante Balthazar	35	2	2
Amaral	40	2	2
Arraio	40	0	0
Campo de Ourique	137	4	4
Chelas	100	1	1
Estrela	60	1	1
Luzitania	25	8	8
Marianos	120	3	3
Memoria	63	2	2
Santa Catarina	15	1	1
Santa Clara	12	2	2
Tarpas	23	1	1
PAÇO DO BOIÃO			
PONTE DO SOU.			
A transportar	1742	81	81

Transporte	Alunos	Professores
PORTALGUEZ	1742	81
PORTO	185	10
Boavista	90	4
Bonfim	163	3
Lourico	302	10
Miraflores	228	13
Monte Pedro	37	2
Rocio de ABRANTES	32	2
S. Miguel de Rio Tinto	35	1
S. Pedro do Sul	12	1
TABARNA	42	4
VIEIRA	60	4
ILHAS ADJACENTES	2044	133
Açores	65	2
Ponta Delgada	49	3
MADREIA	50	3
Funchal	23	2
Madeira	27	1
Monte-Fé	26	2
Ribeira Brava	20	2
COLONIAS PORTUGUEZAS	3157	145

O número de alunos das Escolas Dominicais nas zonas urbanas deve ser superior a 20.000, mas faltam-nos estatísticas. De bom grado publicaremos se que nos enviarem.

CONFRONTO COM A ESTATISTICA ANTERIOR:

A última estatística que publicamos foi a de 1913, antes da grande guerra. Nessa estatística, que cobria aproximadamente a mesma área da actual, mencionavam-se 10 localidades, (cidades, vilas e aldeias), 30 escolas com 2.263 alunos e 111 professores.

A estatística agora publicada menciona 25 localidades, 44 escolas com 3.157 alunos e 145 professores, mostrando ter havido o seguinte progresso: 15 localidades, 14 escolas, 294 alunos e 34 professores. Graças a Deus!

DIVISÃO DENOMINACIONAL:

As Escolas Dominicais acham-se ligadas às diferentes Igrejas Evangelicas que estão espalhando em Portugal o Evangelho puro de Jesus Christo. As Escolas Dominicais de que damos agora a estatística distribuem-se assim pelas diferentes Igrejas, mencionadas pela ordem decrescente do numero de alunos: Igrejas Metodistas, 619 alunos; Igrejas Luteranas, 749; Igrejas Congregacionalistas, 458; Igrejas Baptistas, 395; Igrejas da Congregação Evangelica, 329; Igrejas Independentes, 152; Igrejas dos Irmãos, 50; Igreja Presbiteriana, 75.

dezembro de 1923

ONDE ESTÃO OS PASTORES DE CRIANÇAS?

por Gilberto Celeti: pastor, educador cristão
e superintendente nacional da APEC do Brasil

PASTOREAR CRIANÇAS NÃO É TAREFA PARA QUALQUER UM

As crianças necessitam urgentemente de homens e mulheres que se submetam à vontade de Deus e se dediquem a pastoreá-las. O momento atual exige isso. O que faz um “pastor” de crianças que deseja fazer a vontade do Pai?

Os pastores sempre foram conhecidos como profissionais que alimentavam e protegiam os rebanhos, que procuravam as ovelhas perdidas e que livravam dos animais ferozes as ovelhas que estivessem sendo atacadas.

O termo “pastor” aparece setenta e sete vezes no Antigo Testamento (raah). No grego (poimén), aparece dezoito vezes. No seu sentido literal, um pastor é alguém que cuida dos rebanhos de



ovelhas. Aparece pela primeira vez em Gênesis 4:2, referindo-se à ocupação de Abel. Pode-se dizer que, ao lado da agricultura, é a mais antiga profissão do mundo.

Moisés era apenas um pastor, em Midiã, quando Deus o chamou ao Egito para libertar o povo de Israel que estava ali escravizado havia várias gerações. Davi era apenas um pastor, em Belém, quando Deus o chamou a fim de liderar o reino de Israel.

Deus é o Pastor de Israel. “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará” (Salmo 23:1). Ele apascenta (Isaías 40:11), guarda (Jeremias 31:10) e sai à procura do seu rebanho (Ezequiel 34:12). No Novo Testamento, Jesus Cristo é o Bom Pastor que deu a sua vida pelas suas ovelhas (João 10:2,11,14,16). Ele é chamado de “o Grande Pastor”, em Hebreus 13:20, e de Supremo Pastor, em 1 Pedro 2:25.

O VERDADEIRO PASTOR:

1. Instrui e guia as ovelhas com a sua palavra e com o seu exemplo, vai adiante delas.
2. Vive bem familiarizado com as suas ovelhas, e elas o conhecem bem, o que indica comunhão e comunicação.
3. É inteiramente devotado ao seu rebanho e dá a própria vida pelas suas ovelhas.
4. Tem um estilo de vida que agrada ao Senhor:
 - a) É sadio na doutrina, forte na fé, tem prazer em ensinar e é capaz de fazê-lo;
 - b) Vive de maneira piedosa e manifesta o fruto do Espírito em sua vida;
 - c) É responsável e perseverante;



- d) Busca a santificação, é equilibrado e livre de vícios;
- e) Tem boa reputação e não é dado a contendas;
- f) Tem uma linguagem sadia e não usa de maledicências ou fofocas;
- g) Vive honestamente, não é ganancioso, nem anda atrás do dinheiro;
- h) Tem uma boa família, que não lhe traz perturbações;
- i) É conhecido pelas boas obras que realiza.

5. Garante a segurança do rebanho, vigiando contra os ataques dos inimigos

Todas essas características fazem violento contraste com os falsos pastores, indivíduos totalmente egoístas e perversos que, na realidade, não podem oferecer qualquer vantagem ou bênçãos ao rebanho de Deus. Pelo contrário, há até muitos obreiros e “pastores” que são pedófilos e abusadores de crianças, muitas vezes são acobertados para não ficarem expostos e serem motivos de escândalo. Absurda esta “compaixão” para com esses “pastores” que são, na realidade, lobos com pele de ovelha. “A compaixão nem sempre é virtude, quem poupa a vida do lobo, condena à morte as ovelhas”, afirmou o escritor francês Vitor Hugo.

Muito triste também é constatar que, em muitos lugares, as pessoas colocadas para instruírem as crianças não possuem a responsabilidade e as qualificações necessárias. Diante dos cordeirinhos precisam estar os melhores “pastores e mestres”. Não é tarefa para “qualquer um”.



O PASTOR QUE ALIMENTA OS CORDEIRINHOS DE CRISTO

Além de evangelizar as crianças, é preciso alimentá-las. O alimento é a doutrina bíblica e saudável. A Palavra de Deus é o alimento verdadeiro para as crianças que Jesus chama de seus cordeiros. Ele mesmo diz: “Apascenta os meus cordeiros” (João 21:15).

“Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: Simão, filho de João, ama-me mais do que estes? Disse ele: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse Jesus: Cuida dos meus cordeiros” (João 21:15).

A palavra aqui significa alimentar, cuidar. No versículo seguinte significa governar, dirigir, orientar, fazer tudo o que um pastor tem que fazer com um rebanho. Mas no versículo que fala dos cordeirinhos o significado principal é alimentar. Este dever não pode ser negligenciado. Há uma necessidade imperiosa de instruir as crianças na fé. As crianças precisam, prioritariamente, aprender a doutrina, a verdade e a vida do evangelho de Cristo. Elas precisam que a verdade da Palavra de Deus lhes seja ensinada com clareza e convicção.



O QUE CANTAMOS E COMO CANTAMOS HOJE

Com John Fletcher

CONTINUANDO COM O TÓPICO INICIADO na edição passada do Refrigério, proponho que prossigamos a reflexão sobre o que cantamos e como cantamos nos cultos hoje. Como tem vindo a ser habitual incluo o índice anotado desta sequência de artigos para que todos os que pretendam possam analisá-los na sua sequência.

ÍNDICE

- Intro -“Cantai-lhe um cântico novo, tocai bem e com júbilo”- publicado no nº 153
- Breve enquadramento histórico – publicado no Refrigério nº 154
- Os termos: Salmos, Paráfrases, Hinos e “Coros” – publicado no Refrigério nº 155
- Para que têm servido os cânticos – publicado no Refrigério nº 156
- O QUE CANTAMOS E COMO CANTAMOS HOJE
- parte 1 - O que tem sido usado ao longo do tempo - (publicado no Refrigério nº 157)
- **parte 2 - O que cantamos - (presente nesta edição do Refrigério)**
- parte 3 - Como cantamos - (futuramente)
- Considerações e sugestões para melhorar - futuramente



Repetindo a frase do artigo anterior volto a enfatizar que “o que é cantado e como é cantado varia de congregação para congregação e como é óbvio depende em grande medida dos intervenientes, isto é, quem escolhe os cânticos, quem dirige, quem canta, quem toca, quem controla as intensidades de som dos instrumentos, etc...” Por isso quero salvaguardar que algumas referências aqui presentes são baseadas em tendências gerais que tenho observado, mas não pretendo com isso fazer generalizações. Pretendo sim que reflitamos sobre estes temas e analisemos as práticas que aplicamos na nossa igreja local, assim como as suas implicações a curto e longo prazo.

Vamos primeiramente debruçar-nos sobre o que cantamos e em seguida sobre como cantamos.

O QUE CANTAMOS

Questões relacionadas com a origem dos textos e melodias, assim como das estruturas formais dos cânticos foram abordadas anteriormente (respetivamente nas edições 157 e 155 do Refrigério). Por isso avancemos para outras questões.

Podemos afirmar que a maioria dos cânticos que cantamos são traduções e adaptações de cânticos oriundos de outros países. Este facto traz consigo dificuldade de fidelidade ao texto original e muitas vezes também menor coerência entre a intensidade dramática do texto e da música que o acompanha.





• • •

é mais frequente cantarmos cânticos com uma sonoridade muito bonita e texto desinteressante do que cânticos com um texto profundo e poeticamente bem composto e música desinteressante. Cânticos com estas últimas características rapidamente deixam de ser cantados

• • •



Podemos também afirmar que os cânticos mais “eleitos” e mais vezes cantados nos cultos são aqueles cuja música (essencialmente melodia, harmonia e ritmo) são considerados pelos dirigentes como mais bonitos. E em muitos casos até terá sido esse o aspeto principal que levou a que fossem traduzidos para a nossa língua. Não quero com isto dizer que o único fator presente na escolha é a sonoridade do cântico, mas sim que é mais frequente cantarmos cânticos com uma sonoridade muito bonita e texto desinteressante do que cânticos com um texto profundo e poeticamente bem composto e música desinteressante. Cânticos com estas últimas características rapidamente deixam de ser cantados.

É também de notar que a maioria dos cânticos regularmente cantados hoje são cânticos recentes (“modernos”). E que muitos dos textos originais atualmente cantados nos nossos cultos são escritos por músicos, sendo a maioria das traduções levadas a cabo por indivíduos dedicados à música, e não tanto dedicados a poesia nem teologia. Talvez seja essa uma das razões porque frequentemente os tradutores têm demonstrado maior cuidado em manter a sonoridade original do cântico do que outros aspetos, tais como: o conteúdo do texto original, o fazer coincidir a pontuação do texto com a “pontuação” da música, ou até aspetos de correção de Português, como por exemplo: acentuações nas sílabas tónicas e não nas sílabas átonas. Estes aspetos de incorreção silábica já se enraizaram tanto na sonoridade dos cânticos em Português que também são encontrados em cânticos escritos originalmente na nossa língua. Por outro lado também verificamos que muitos dos nossos cânticos (especialmente os hinos) foram traduzidos em Português do Brasil, e por vezes estes, cantados em Português de Portugal



não revelam a sonoridade desejada para efeitos de rima e pronúncia de sílabas de algumas palavras.

Sobre os temas e conteúdos dos textos cantados notamos que maioritariamente os cânticos usados nos cultos são considerados cânticos de louvor e adoração, sendo pequena a presença de cânticos de ensino, mesmo tendo em conta os cânticos específicos destinados ao ensino de crianças, que há anos eram frequentemente cantados por toda a congregação, especialmente na Escola Dominical. Atualmente alguns dos temas mais abordados nos cânticos são: amor, louvor, meus desejos e sentimentos, entrega, e muitas vezes estes temas são apresentados de forma individual, na primeira pessoa do singular. Em contraposição apresento alguns temas muito cantados há meio século e que pouco são abordados hoje: o porvir, segunda vinda de Cristo, o sofrimento de Cristo.

Por notar que geralmente a música é associada a louvor e adoração, e por contrapor esse fato com os textos que em muitas situações efetivamente cantamos, gostaria de partilhar convosco as palavras de Sarah Catarino para nossa reflexão: “A adoração não tem a ver comigo, a adoração não tem a ver com o que eu sinto tão pouco, tem a ver com Ele! A maior parte das letras que são cantadas nas igrejas hoje são sobre o que é que o cristão é, sente, com o que Deus faz, ou lhe dá, e não sobre quem Ele é!”

¹ Presentes na página 112, de “A prática musical nas comunidades protestantes em Lisboa entre 1945 e 1965” disponível em www.johnfletcher.info

¹(pág. 112, para fonte e contexto destas palavras, consultar nota de rodapé).

Ainda sobre os conteúdos dos textos cantados notamos que são detetados por vezes alguns erros teológicos e outros gramaticais, especialmente nos cânticos traduzidos. Sugiro que es-



tejamos atentos e sejamos críticos à correção teológica e gramatical dos textos que cantamos assim como à adequação das músicas aplicadas aos textos cantados. E quando encontrarmos aspetos duvidosos ou menos explícitos os apresentemos aos responsáveis pela música. E sugiro aos responsáveis pela música que recebam de bom agrado tais críticas, pois várias cabeças pensam melhor e vários olhos veem mais.

Para nossa reflexão menciono aqui dois assuntos que me têm levado a pensar se estarão relacionados com o facto de haver menos homens do que mulheres nas igrejas e se poderão estar a afastar alguns homens: são eles o facto de nos textos de alguns cânticos haver uma maior ênfase no sentimentalismo que no racionalismo e de certos cânticos terem uma perspectiva feminina, empregando frases e por vezes analogias que podem ser de difícil identificação por parte de um homem. Dou como exemplo um cântico que se refere a Jesus dizendo "... és o amante do meu ser..."

Concluindo esta parte dedicada ao que cantamos, gostaria de fazer uma referência aos aspetos funcional e artístico dos cânticos que cantamos. As músicas que usamos têm maioritariamente uma funcionalidade imediata (por vezes até comercial) e por norma pouca elaboração e profundidade musical. Com estas características é pouco provável virmos a ter músicas que permanecerão através do tempo. No entanto, algumas através da sua simplicidade e consistência demonstraram ter essa capacidade.

Nota: Para melhorar a compreensão do conteúdo desta sequência de artigos por parte de todos que os têm seguido, incluo aqui uma errata referente à última frase presente no artigo da edição nº 157 do Refrigério (pág. 19): Onde se lê "...atualmente há tantos profissionais da música em Portugal e por todo o mundo que começaram a desenvolver a música na igreja." leia-se "...que começaram a desenvolver as suas capacidades musicais na igreja."



A pensar nos
músicos,
compositores,
dirigentes de cultos,
dirigentes de grupos de louvor,
elementos de grupos de louvor,
dirigentes e elementos de
grupos corais ou musicais,
estudantes de música,
professores de música,
_____,
_____.

O PAPEL DA MÚSICA NA IGREJA ^{minha} REFLEXÕES



UMA INICIATIVA
REFRIGÉRIO
CIIP-SUL

em breve mais informações

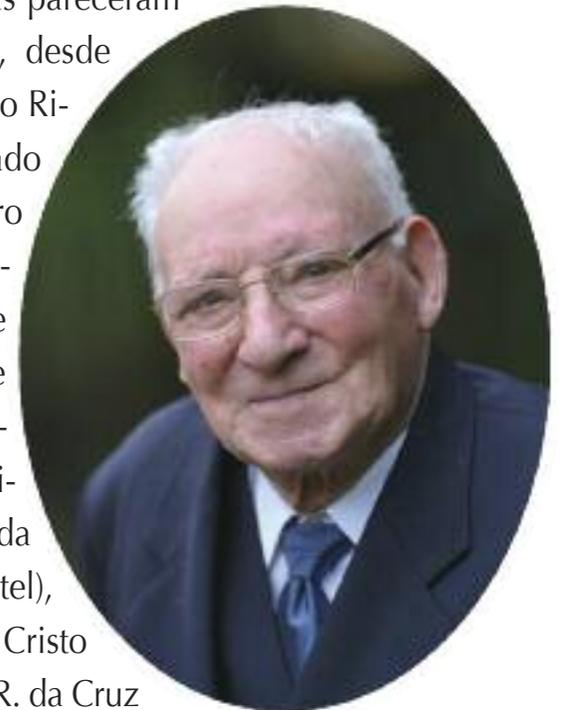
Ernesto da Sila Vieira

por Samuel A. Vieira

Esta resenha tem como objeto primeiro, o de dar glória a Deus pelo Homem que nos deu como, PAI - AVÔ - BISAVÔ - TRISAVÔ - SOGRO - AMIGO E PASTOR. A Deus pois, toda a Glória e Louvor.

APÓS A CONVERSÃO de meu avô, J.A. Vieira, meu pai acompanhava-o aos cultos da Igreja Congregacional no Campo da Vinha. Com o encerramento da atividade desta Igreja nos primeiros anos de 40, a Igreja Metodista do Mirante - Porto, congregou os crentes numa Missão que começou a reunir-se na casa de meu avô na Av. A. Soares no 85-2a. Ernesto acompanhou também esta mudança tendo sido nomeado "Pregador Leigo" dessa mesma Igreja, funções que exerceu até ao ano de 1953.

Entretanto em Novembro de 1939 veio para Braga um missionário inglês de nome R. T. Cole, com o propósito de missionar no Minho, a partir de Braga. As perspectivas pareceram aliciantes para o Ernesto que, desde logo começou a trabalhar com o Ricardo. Como primeiro resultado abriram ao público o primeiro salão em Braga na R. de S. Vicente 35/37, com o nome de "Capela Evangélica" em Maio de 1944. O espaço tornou-se pequeno, rapidamente, o que obrigou a mudarem-se para o Largo da Estação no 5 (junto ao atual Hotel), com a designação de "Igreja de Cristo Evangélica;" Mais tarde, e já na R. da Cruz



de Pedra, com a designação atual: “Igreja Evangélica Assembleia dos Irmãos”.

Em carta datada de 1946 o Professor Doutor Alfredo Henrique da Silva, ao tempo superintendente da Igreja Metodista do Mirante, escrevia ao meu avô J. António Vieira - “Ernesto é um bom colaborador do Ricardo e um excelente Pregador da Palavra”. (carta em Arquivo na Igreja). Homem simples, de linguagem simples tornava as suas mensagens simples também; bem entendidas por cultos e incultos.

A II Guerra Mundial trouxe muitas dificuldades e alguns receios; Meu pai, para escapar à mobilização inscreveu-se como Bombeiro Municipal e assim pôde continuar junto de nós, e da Igreja. A Guerra trouxe muita carência de tudo mas meu pai esforçava-se trabalhando 12,20 horas e pelo menos uma vez, 24 horas seguidas para que nós, em casa tivéssemos sustento. Ainda assim conseguir os alimentos era tarefa gigantesca de nossa mãe que eu, como mais velho, acompanhei, nas filas para o pão e para tudo.

A Guerra terminou, 1945, mas o pós- guerra me pareceu ainda mais penoso. Meu pai, esforçava-se demais, com minha mãe muito doente, para que houvesse pão, ainda que fosse uma sardinha assada numa chapa de ferro, sem o azeite, pois escasseava, e dividia essa sardinha por dois, para mim e minha irmã Fernanda! Mais não conto, pois estas são suficientes para avaliar das dificuldades.

Tínhamos um Pai esforçado que todas as noites pegando na sua velha Bíblia e lia para nós a Palavra de Deus em volta da mesa; Assim nasceu esta “Igreja dos Irmãos”, que existe há 71 anos e continuará, porque a Obra é do Senhor e existem jovens motivados e promissores que lhe darão continuidade, assim o Senhor da Igreja os ajude como ajudou meu pai e a mim pessoalmente.

Participou em esforços Evangelísticos/Missionários em: Rendufe (Amares) aqui em colaboração com igreja Metodista); Abriu pontos de pregação em Dume; Areal de Cima e Real, todas em Braga; Em Carreira e Gondifelos e Famalicão, estes no concelho de V.N. de Famalicão. Ainda em Vila Real de Trás-os-Montes, Vila Praia de Âncora, Caminha e La Guardia em Espanha; todos estes em colaboração com R. Cole. Para além das campanhas aleatórias de distribuição de literatura em todo o Minho, chegando a Amarante no Distrito do Porto.



Foi um esforço heroico, para além das responsabilidades familiares, teve toda esta atividade, sem viatura, viajando de bicicleta, de comboio ou autocarro, e sem suporte financeiro; Lamentavelmente hoje em dia faz-se menos com mais. Este esforço é um desafio para os mais novos; Confiai no mesmo Senhor que Ernesto confiou e podereis viver até aos 100 anos com uma experiência para contar para a Glória de Deus e para a bênção de almas preciosas.

IGO ACIMA que Ernesto era um homem simples, simples mas determinado, firme nas suas convicções; ensinou aos 7 filhos a doutrina que recebera dos seus mais diretos mentores: José António Vieira e Richard Thomas Cole; Deixou 3 filhos e 4 filhas; 26 netos; 37 bisnetos e uma trineta. Viu a sua posteridade e se alegrou. Aleluia! Obrigado Senhor.

Até ao fim foi sempre um exemplo de fidelidade na assiduidade e pontualidade; mais um exemplo a seguir; Desde sempre, dizimista, fiel ao dízimo e o Senhor cumpriu nele a Sua Promessa: "Trazei todos os dízimos....Fazei prova de MIM...vos abrirei as janelas do Céu... Diz o SENHOR" Malaquias 3.

Agora choramos a sua partida para a eternidade, mas todos nos Gloriamos na Bendita Esperança de que nos encontraremos com o nosso pai-avô-bisavô, trisavô; sogro e querido irmão na Fé, se tão-somente percorrermos o Mesmo Caminho aberto por Jesus. Esta é a promessa do Deus em quem a maioria dos seus descendentes confiam.

Até logo meu Pai. Obrigado.



A Entrevista Impossível

por Eliseu Alves

NA ÚLTIMA REUNIÃO DE TRABALHO da direção do Refrigério decidimos publicar uma entrevista com o ancião José Augusto Pontes. A sua longevidade, a vasta experiência de fé e o conhecimento pessoal enquanto interveniente privilegiado nos principais acontecimentos do movimento nas últimas cinco décadas, aconselhavam uma entrevista de fundo onde fossem abordadas questões não apenas de carácter pessoal mas também outras questões, que nos ajudassem a compreender a nossa história enquanto movimento e as peculiaridades e idiosincrasias do mesmo. Tal entrevista não foi possível. O nosso irmão Pontes adoeceu e, a 23 de junho último, o Senhor levou-o para a glória. Em outubro último o Ir. Pontes abordou-me no sentido de fazer uma primeira leitura das suas memórias. É com base no testemunho escrito das mesmas que esta entrevista (que nunca aconteceu) se tornou possível!

Ir. Pontes, dentro de alguns meses completará 93 anos. Quer falar-nos um pouco da sua infância e de como era viver no período da 1ª República?

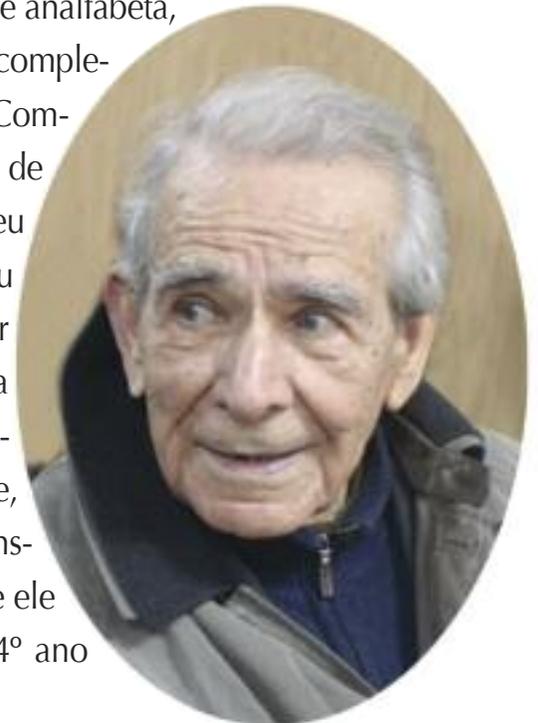
Nasci em Torre de Moncorvo a 22 de Novembro de 1922, embora só fosse registado a 1 de Dezembro do mesmo ano.

Isso significa que comemora o seu aniversário duas vezes por ano...

(risos) Pois, parece que sim. A minha infância não foi fácil. Tinha uma irmã, dois anos mais velha, e o meu pai, Manuel António, separou-se da minha mãe, ainda éramos crianças.

Frequentou a escola?

Sim, embora a minha mãe fosse analfabeta, fez questão que os seus filhos completassem a Instrução Primária. Completei a 4ª classe com 10 anos de idade, em julho de 1932. O meu professor António Fragata pagou a multa de 80 escudos para ser admitido a exame, pois a minha mãe não tinha recursos financeiros. No ano letivo seguinte, esse meu professor iria ser transferido para a cidade do Porto e ele quis que eu completasse o 4º ano com ele.



É verdade que Deus nos envia uns anjos quando tudo à nossa volta parece obscuro, sem soluções possíveis!

Deus prometeu tomar conta de nós e é isso que tem feito por mim nos últimos 90 anos.

Com 11 anos de idade e o canudo do 4º ano nas mãos, que rumo tomou a sua vida?

Esse meu professor primário era muito humano e preocupado com o meu futuro. Antes de ir para o Porto, pedi a um seu amigo, inspetor da CP de Moncorvo, para que, quando completasse 12 anos, fosse admitido nas oficinas da CP do Pocinho. Entretanto, como tinha três primos alfaiates, fui aprender a arte de alfaiate.

Acabou por não ir trabalhar para a CP do Pocinho e abandonou mesmo Moncorvo. Em que condições é que se deu essa grande mudança na sua vida?

Um indivíduo chamado Armindo Morgado apareceu em Moncorvo, à procura de um rapaz para trabalhar como marçano em Vila Nova de Gaia. A minha mãe opõe-se de início mas, perante a insistência, acabou por ceder.

Então, ainda criança, abandonou as suas raízes, família e terra e foi para Vila Nova de Gaia?

Sim! Trabalhei como marçano em duas mercearias e mais tarde, o meu primeiro patrão convidou-me para trabalhar num armazém de azeites, na rua General Torres onde permaneci até 1941. Nesse ano casei com a Maria Emília de Jesus, estive algum tempo desempregado e no ano seguinte fui trabalhar para a Fábrica de Estamparia de Lavadores.

Este percurso, aparentemente sinuoso, teve um propósito não é verdade?

Sem dúvida! Embora o salário fosse muito baixo e passássemos muitas necessidades, estávamos em plena 2ª Guerra Mundial, aconteceu algo muito especial na minha vida. O meu colega de trabalho, José Maria Pinto Correia de Azevedo falou-me de Jesus, deu-me um Novo Testamento e depois de ouvir a Palavra de Deus pela 1ª vez, aceitei o Senhor Jesus como meu Salvador e Senhor.

Como foram esses primeiros tempos de conversão?

Fui desprezado pelos meus colegas e administração da fábrica. Chamavam-me de protestante. Toda a família da minha mulher me desprezou, menos ela que sempre me respeitou. Não foram tempos fáceis mas o Se-



nhor estava lá. Na fábrica fui nomeado encarregado embora não me pagassem o valor correspondente ao cargo. A partir de uma determinada altura as coisas mudaram. Um engenheiro estagiário tornou-se meu amigo, confiava em mim e foi-se apercebendo que muitos enriqueciam à custa da própria fábrica. Ao denunciar esta situação, este engenheiro foi convidado para administrador da empresa e a mim colocaram-me como chefe de secção com um vencimento justo. Alguns colegas de trabalho, já convertidos, viram as suas condições melhorarem. Foi uma autêntica revolução.

Sabemos que também foi abençoado pela extensa prole dada por Deus...

A Maria da Graça é a mais velha, nasceu em 1942 e mais tarde nasceram o José Maria (1946), o José Daniel (1948), o Joel Joaquim (1950) e passados 11 anos nasceram os gémeos Alberto e Isabel (1961).

Não sei se este exercício que lhe vou propor seja fácil mas conte-nos uma grande alegria (deve ter tido muitas) e uma grande tristeza (também acredito que teve várias).

Uma das minhas maiores alegrias foi sem dúvida a conversão da minha esposa. Tristeza... não necessariamente uma tristeza mas sim um dos momentos mais difíceis, foi a morte do meu filho José Maria na Guerra do Ultramar, na Guiné em setembro de 1969. Tenho a certeza que está com o Senhor em quem confiava.

Como tem sido a vivência de fé, até aos dias de hoje?

Tem sido um acumular de bênçãos incontáveis que tem enchido a minha alma. Tenho tido o privilégio de falar do meu Senhor onde quer que vá, tenho participado em conferências desde a de Billy Graham em Lausanne e mais tarde na Holanda. Tive o privilégio de ter estado em Israel em 1991 e de já ter pregado no Brasil e Angola. Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho.

Ir. José Augusto Pontes, um até breve!



6º ENCONTRO INTERNACIONAL DE IRMÃOS SOBRE MISSÕES

Decorreu em Pomezia-Roma o 6º Encontro Internacional de Irmãos sobre Missões. O encontro foi uma oportunidade para reunir 750 irmãos de 105 países. Deram informações sobre as suas dificuldades e Bênçãos. A Palavra foi exposta por diferentes Irmãos. O irmão Eduardo da Luz, líder da Missão Novas Tribos do Brasil, foi um dos oradores; realizámos uma reunião com os falantes de língua portuguesa (2 de Moçambique e 2 de S.Tomé e Príncipe, 4 de Portugal, 9 de Angola e 17 de Brasil), sendo marcado o 3º Encontro de Irmãos das Comunidades de Língua Portuguesa para Luanda em 23-28 de Agosto de 2016.

António Calaim



Contribua para esta obra



Como
será!

Como já
está!



1 € para ajudar a
construção do novo edifício
da Igreja Evangélica da
Madalena

Muito obrigado

Nib: 0019 0168 0020 0004 0949 3

Ora, Aquele que dá a semente ao
que semeia e põe para comer
também multiplicará a vossa
sementeira e aumentará os frutos
da vossa justiça; 11 para que
em tudo enriqueçais para toda a
beneficência, a qual faz que por
nós se deem graças a Deus.

2 Cor. 9:10 e 11



PASSATEMPOS

HUMOR

No Mar da Galileia

Um sujeito vai a Israel visitar a família e aproveita para visitar alguns lugares históricos: Jerusalém, Belém, o Rio Jordão... Quando chega ao Mar da Galileia, resolve fazer um passeio de barco e pergunta o preço a um indivíduo que alugava barcos:

- Oitenta dólares a hora! - Oitenta dólares? O senhor está maluco? é muito caro!
- Mas este é o lago onde Jesus andou sobre as águas!
- Também pudera! Com o barco a esse preço!

Dois amigos encontram-se na rua:

- Olá, Jacó. Como estás?
- Estou muito mal!
- Mas o que foi que aconteceu?
- A minha mãe morreu.
- Não me digas! Os meus sentimentos. E o que é que a tua mãe tinha?
- Infelizmente, pouca coisa. Uma casa, duas lojas no centro da cidade e um terreno no interior.

O filho telefona para a mãe:

- Filho - Olá, mãezinha, tudo bem?
- Mãe - Tudo muito bem. Ótimo! Estou ótima!
- Filho - “Ah, desculpe, foi engano”



RECEITA



Bolo de passas de uva

Cantares de Salomão 2:5

INGREDIENTES

- Ovos - 4
- Mel - 1/2 chávena ou 100 ml
- Farinha de trigo integral
1/2 chávena (100 g)
- Sal - 1/2 colher de chá
- Passas de uvas picadas - 3 cháve-
nas (600 gr) que podem ser substi-
tuídas por tâmaras ou figos
- Amêndoas - 1 chávena (200 gr)
- Leite creme batido - a gosto

INSTRUÇÕES

- Pré-aqueça o forno a 180 graus.
- Bata os ovos numa tigela grande
até que fiquem espumantes.
- Aos poucos, junte o mel, a farinha,
o sal, as passas e as amêndoas.
- Despeje a mistura
numa forma untada, com 25 cm.
- 30 a 40 minutos.
- Sirva quente com o leite creme
batido.

PASSATEMPOS BÍBLICOS **SOLUÇÕES** REFRIGÉRIO IMPRESSO



FICHA TÉCNICA 1 5 8

Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade

Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal (CIIP)
Internet: www.ciip.net
E-mail: geral@ciip.net



As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem Igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e

no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão

Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira, e Osvaldo Castanheira

Endereço

Jornal Refrigério
Rua das Eiras, 22
2725-299 Mem Martins

E-mail: geral@refrigerio.net

Redação

Luis Toupeira

Design Gráfico e Paginação

Refrigerio Impresso e Refrigerio Online
Osvaldo Castanheira

Edição Notícias

Helena Sequeira

Revisão de Textos

Cristina Calaim

Capa deste número

Pedro Lourenço

Versão digital

<http://www.refrigerio.net>

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X (impresso)
2182-6188 (em linha)

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério.

Envie a sua oferta para

NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2

(Departamento Missionário) com a especificação do destino da oferta: "Revista Refrigério".

© Copyrights

Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

ATENÇÃO

NOVO ENDEREÇO
para correspondência

Jornal REFRIGÉRIO

Rua das Eiras, 22

2725-299 Mem Martins

Algumas fotos ou imagens desta revista poderão ter sido retiradas da net sendo desconhecida alguma interdição à sua utilização. Caso alguma esteja sujeita a direitos autorais, agradecemos que nos contacte para solicitarmos autorização ou procedermos à sua remoção.